



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO E DIREITO À CIDADE
RESIDÊNCIA PROFISSIONAL EM ARQUITETURA, URBANISMO E ENGENHARIA

Trabalho de Conclusão

PAISAGEM URBANA NA COMUNIDADE: DIRETRIZES PARA ESPAÇOS PÚBLICOS EM MATA ESCURA

Andréa Bianca Ribeiro Chong - Urbanista

Tutora: Prof^a. Me. Heliana Faria
Mettig Rocha - Arquiteta

Co-Tutora: Prof^a. Dr^a. Aruane Gazerdin -
Arquiteta

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Assistência Técnica. Habitação e Direito à Cidade, como requisito de conclusão do curso, para obtenção do título de especialista e implantação do projeto experimental de Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, com apoio da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

SALVADOR/BA

Dezembro de 2016

CRÉDITOS DA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA

Autoria:

Andréa Bianca Ribeiro Chong - Urbanista

Tutora: Prof^a. Me. Heliana Faria Mettig Rocha - Arquiteta

Co-Tutora: Prof^a. Dr^a. Aruane Gazerdin - Arquiteta

Colaboração:

Danilo Gonçalves dos Santos Sobrinho – Engenheiro Sanitarista e Ambiental

Débora Marques da Silva Araújo - Urbanista

Fernanda Ribeiro D'angelo - Arquiteta

Joaquim da Silva Nunes Junior - Arquiteto

Consultoria:

Profa. Dr^a. Ângela Gordilho - Arquiteta

Prof. Dr. Juan Pedro Moreno Delgado – Arquiteto e Urbanista

Apoio:

Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão(ACOPAMEC)

Projeto Turismo de Base Comunitária no Cabula e Entorno – Universidade do Estado da Bahia (TBC/UNEB)

SESSÃO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO FINAL DE ASSISTENCIA TÉCNICA:

Data: 17 de novembro de 2016

Local: Casinha/Extensão – Faculdade de Arquitetura da UFBA

Residente: Andréa Bianca Ribeiro Chong

Título: PAISAGEM URBANA NA COMUNIDADE: DIRETRIZES PARA ESPAÇOS PÚBLICOS EM MATA ESCURA

Membros da Banca:

Tutora- Profa. Me. Heliana Mettig (RAUE/UFBA)

Co-Tutora – Profa. Dra. Aruane Gazerdin (RAUE/UFBA)

Membro Interno: Profa. Dra. Luciana Calixto (RAUE/UFBA)

Membro Externo: Profa. Dra. Francisca de Paula (UNEB)

Representantes da Comunidade:

Sras. Jocélia Duarte, Joice Cristina, Sr. Edson Barbosa.

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Finalizar este ciclo, ao tempo em que traz uma grande satisfação e sensação de dever cumprido, me faz lembrar o desafio imenso que foi, com ajuda de tantas pessoas, concluí-lo.

Portanto, agradeço a todos que contribuíram, incentivaram e participaram da construção deste estudo.

Em especial à minha orientadora, a profa. Heliana Mettig, pelos ensinamentos, informações, paciência, advertências, palavras de conforto e estímulo. Obrigada pela energia depositada.

À comunidade da Mata Escura que acolheu a equipe e participou de cada etapa deste trabalho, tornando-o possível de ser feito.

À profa. Aruane Gazerdin, minha co-orientadora, por ter se colocado à disposição para ajudar e contribuir.

À profa. Francisca que me acompanha, mais uma vez, em meu trajeto acadêmico com tanto carinho.

À profa. Ângela Gordilho, coordenadora deste programa de especialização, pela oportunidade e confiança.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho trata do processo e resultados das atividades de campo realizadas como parte do Curso de Especialização em Assistência Técnica para Habitação e Direito à Cidade da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (RAU+E/UFBA) pelo grupo que atuou nos bairros de Mata Escura e Calabetão (Salvador/BA).

A escolha dessa comunidade para o desenvolvimento dos trabalhos de assistência técnica justifica-se por se tratar de uma área que se originou pela ocupação informal, onde predomina a população de baixa renda e a urbanização precária, com carência de investimentos públicos, sobretudo na infraestrutura urbana. Além disso, a comunidade de Mata Escura e a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) já trabalharam conjuntamente em 2005 para o desenvolvimento de projetos para o bairro como parte de uma das disciplinas de “ateliê” da graduação, resultando na publicação *Mata Escura: Plano de Intervenção (2005)*.

A atuação dos profissionais da RAU+E na comunidade foi dividida em eixos que atenderiam às demandas identificadas naquela realidade. São eles: Fluxos (sistemas de circulação e acessibilidade), Encontro (espaços de convívio e lazer), Paisagem (espaços públicos), Saneamento (manejo de resíduos sólidos) e Áreas Verdes (estabelecimento do Parque Teodoro Sampaio).

Todo o processo desenvolvido durante a RAU+E na comunidade (identificação de demandas, diagnóstico e propostas) foi baseado na participação popular e coletiva, considerada fundamental para que os projetos finais se constituíssem fruto da real necessidade e desejo dos moradores e membros envolvidos. Para tanto, além de muitas visitas de campo, a equipe de Residentes fez um de metodologias participativas e realizou o processo de interação com a comunidade através de Rodas de Conversas e Oficinas, além de estabelecer canais de contato e informação em redes sociais, aplicativos de comunicação e páginas virtuais.

O Eixo paisagem que é entendido, para além do elemento físico, como uma produção humana, um conjunto de elementos e objetos interligados, se propõe a trabalhar com a identificação de padrões de elementos nos espaços públicos comunidade e diretrizes de intervenções a partir das informações e anseios dos seus moradores, juntamente à análise técnica. Estas diretrizes para alguns espaços públicos da Mata Escura, sob a perspectiva de suas paisagens, que por suas características e representatividade, poderão servir de piloto e serem replicadas a outros espaços com atributos similares na comunidade.

Palavras-chave: Assistência Técnica; Interesse Social; Paisagem Urbana; Mata Escura; Direito à Cidade;

ABSTRACT

This paper deals with the process and results of the field activities carried out as part of the Specialization Course in Technical Assistance for Housing and the Right to the City of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Bahia (RAU + E / UFBA). Neighborhoods of Mata Escura and Calabetão (Salvador / BA).

The choice of this community for the development of technical assistance work is justified because it is an area that originated by informal occupation, where the low-income population predominates and precarious urbanization, with a lack of public investments, especially in urban infrastructure. In addition, the community of Mata Escura and the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia (FAUFBA) have already worked jointly in 2005 to develop projects for the neighborhood as part of one of the undergraduate "atelier" disciplines, resulting in publication Mata Escura: Intervention Plan (2005).

The work of RAU + E professionals in the community was divided into axes that would meet the demands identified in that reality. They are: Flows (circulation and accessibility systems), Encounter (living and leisure spaces), Landscape (public spaces), Sanitation (solid waste management) and Green Areas (establishment of Teodoro Sampaio Park).

The whole process developed during the RAU + E in the community (identification of demands, diagnosis and proposals) was based on popular and collective participation, considered fundamental for the final projects to be fruit of the real need and desire of the residents and members involved. To this end, in addition to many field visits, the Residents team made a participatory methodologies and carried out the process of interaction with the community through Wheels of Conversations and Workshops, as well as establishing contact and information channels in social networks, Communication and virtual pages. The landscape Axis that is understood, in addition to the physical element, as a human production, a set of interconnected elements and objects, sets out to work with the identification of patterns of elements in public spaces community and guidelines of interventions from the information and Together with the technical analysis. These guidelines for some public spaces of the Mata Escura, from the perspective of their landscapes, that by their characteristics and representativeness, can serve as pilot and be replicated to other spaces with similar attributes in the community.

Key words: *Technical assistance; Social Interest; Urban landscape; Mata Escura; Right to the City;*

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Localização do Bairro e delimitação dos setores censitários de Mata Escura
- Figura 2 – Metodologia de atuação – Grupo RAU+E Mata Escura
- Figura 3 – Print da tela dos canais de comunicação
- Figura 4 – Mapa das visitas técnicas realizadas
- Figura 5 – Registro fotográfico da oficina Mapeamento dos territórios imateriais
- Figura 6 – Delimitação dos territórios invisíveis apontados pelos participantes
- Figura 7 – Tempestade de ideias do 1º Chega junto!
- Figura 8 – Registro da atividade de delimitação da área de atuação
- Figura 9 – Resultados sobrepostos dos eixos
- Figura 10 – Apresentação do projeto - 1º momento do 2º Chega junto!
- Figura 11 – Atividades em grupo - 2º momento do 2º Chega junto!
- Figura 12 – Registro fotográfico do 3º Chega junto!
- Figura 13 – Identificação da área de atuação da equipe RAU+E Mata Escura
- Figura 14 – Registro fotográfico do 4º Chega Junto!
- Figura 15 – Territórios da Mata Escura apontados pelos moradores
- Figura 16 – Simbologia utilizada para determinar os pontos fracos e fortes
- Figura 17 – Registro fotográfico da atividade da oficina 2
- Figura 18 – Delimitação prévia da poligonal de atuação dos eixos
- Figura 19 – Registro fotográfico da oficina 2 (reconhecimento do território por eixo)
- Figura 20 – Representação gráfica da relação entre a qualidade do ambiente físico sua utilização
- Figura 21 – Registros da atividade da oficina 3
- Figura 22 – Localidades em comum das oficinas 2 e 3
- Figura 23 – Grupo criado com alunos da oficina para discussão sobre Paisagem na Mata Escura
- Figura 24 – Oficina 3 – Aprofundamento das poligonais de atuação
- Figura 25 – Registro da apresentação do eixo Paisagem na oficina 4
- Figura 26 – Oficina 4 - Apresentação do diagnóstico parcial
- Figura 27 – Manchas das demarcações espaciais das oficinas 2 e 3
- Figura 28 – Registro de apresentação da oficina 5

Figura 29 – Registro fotográfico do acompanhamento da comunidade por eixo

Figura 30 – Alunos da Escola Márcia Méccia na oficina 6

Figura 31 – Atividade potenciais x desafios – Escadaria em Brotas, Salvador

Figura 32 – Pontos focais de estudo – oficina 6

Figura 33 – Locais identificados pela comunidade nas oficinas

Figura 34 – Locais com potencial de intervenção identificados em visitas de campo

Figura 35 – Processo realizado para identificação de padrões e diretrizes de intervenções

Figura 36 – Blocos com os aspectos essenciais para avaliação da qualidade do espaço com respeito à paisagem urbana

Figura 37 – Localização dos locais definidos para estudo

Figura 38 – Localização dos pontos focais e suas tipologias adotadas

Figura 39 – Ponto de ônibus no Fim de Linha

Figura 40 – Praça Fernando Hupsel de Oliveira - atrás do ponto de ônibus do Fim de Linha

Figura 41 – Praça Fernando Hupsel de Oliveira com intervenção proposta (ilustração)

Figura 42 – Imobiliário urbano: convidar x repelir

Figura 43 – Praça Fernando Hupsel de Oliveira– Revitalização (ilustração)

Figura 44 – Formas de acesso à área da praça Fernando Hupsel de Oliveira

Figura 45 – Localização da Travessa Patriarca

Figura 46 – Mapa - Dimensões de largura e comprimento da Travessa Patriarca

Figura 47 – Varal de sombras

Figura 48 – Rua Dionísio Brito Santa (Rua do Bate-Folha)

Figura 49 – Paisagem da Rua Dionísio Brito Santa (Rua do Bate-Folha)

Figura 50 – Ilustração da configuração espacial da Rua do Bate-Folha

Figura 51 – Muro do Bate-Folha cedendo

Figura 52 – Ilustração da intervenção na Rua do Bate-Folha

Figura 53 – Adequação da via de rolamento para via de uso compartilhado

Figura 54 – Piso intertravado na Rua do Bate-Folha

Figura 55 – Barracas localizada na Rua do Bate-Folha

Figura 56 – Barracas na Rua Direta da Mata Escura

Figura 57 – Foto da Rua São Júlio

Figura 58 – Localização da Rua São Júlio

Figura 59 – Entulho na calçada da Rua São Júlio

Figura 60 – Ilustração de possíveis intervenções na calçada da Rua São Júlio

Figura 61 – Ilustração de intervenções na calçada da Rua São Júlio – outro ângulo

Figura 62 – Localização do campo na Travessa Antióquia e da cesta na rua Benjamin Abdon

Figura 63 – Intervenções na Rua Benjamin Abdon

Figura 64 – Esquema de intervenções no campo de barro da Travessa Antióquia

Figura 65 – Localização das escadarias

Figura 66 – Exemplo de pequena intervenção em escadaria

Figura 67 – Intervenção na Escadaria da Rua da Antióquia

Figura 68 – Escadaria da Rua da Esperança

SUMÁRIO

1. Área e comunidade	p. 11
1.1. Nome do bairro e localidade	
1.2. Nome das Associações Parceiras	
1.3. Endereço completo e Telefone/E-mail/ Website/ Blog da(s) Associação(ções)	
2. Descrição da área, problemática e justificativa da proposta coletiva de assistência técnica	p. 12
2.1. Aproximação do grupo com a comunidade, breve histórico, conquistas da comunidade e descrição da(s) problemática (s)/demanda(s) encontrada(s)	
2.2. Razões pelas quais a entidade ou proponente(s) apontaram a problemática a ser tratada	
2.3. Complementaridade e sinergia com outros atores envolvidos	
2.4. Diagnósticos, resultados preliminares e contexto para delimitação da proposta	
3. Pesquisas, oficinas, metodologias definidas na proposta coletiva de assistência técnica	p. 14
3.1. Meios e processos adotados para a proposta coletiva do grupo com a comunidade	
3.2. Os resultados obtidos para a definição dos projetos específicos	
3.3. Projetos de referência e indicação do projeto específico no âmbito da proposta coletiva.	
4. Eixo Paisagem – Paisagem urbana na comunidade: diretrizes para espaços públicos na Mata Escura	p. 27
4.1 Introdução	
4.2 O processo	
4.2.1 Oficinas específicas – metodologia e análise	
4.3 Diagnóstico	
4.4 Padrões identificados na comunidade e diretrizes	
5. Viabilidade institucional, econômica e financeira	p. 91
6. Cronograma previsto	p. 91
7. Equipe Técnica e Orçamento previsto	p. 92
8. Referencias bibliográficas	p. 94
9. Anexos	p. 96

1. Área e comunidade

A área escolhida e que será trabalhada pela equipe da RAU+E no ano de 2016, está localizada no bairro de Mata Escura, situada no chamado "Miolo de Salvador". Este bairro possui em seu interior subespaços definidos por 70 setores censitários o que corresponde a uma população de 52.196 habitantes em uma área total de 4,5 Km², segundo o IBGE (2010), (Figura 1).

Figura 1- Localização do Bairro e delimitação dos setores censitários de Mata Escura



Fonte: Elaborado pela equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

O acesso ao bairro de Mata Escura pode ser feito pela BR-324, pelo bairro de Sussuarana e pelo bairro do Cabula. As suas principais vias são a estrada da Mata Escura e a Rua Direta da Mata Escura ou Rua Acelin Encarnação. A Rua Direta possui mão dupla, configurando-se muito estreita para o tráfego de ônibus, sem possuir a presença de baías o que acaba dificultando e resultando num tráfego truncado na localidade (Anexo A), (MATA ESCURA, Plano de Intervenção 2005).

Enquanto à topografia do bairro, vide Anexo B, esta é classificada como:

“uma topografia em forma de relevo acidentado composto por vales e elevações que variam da cota 20m até a cota 80m, característicos de terrenos sobre o embasamento cristalino que aflora deste lado leste da falha geológica da cidade de Salvador. As vertentes sobre o solo argiloso (resultante da alteração destas rochas do embasamento) associado às altas declividades e ocupações indevidas das encostas criam áreas de risco em alguns locais, podendo ocorrer ocasionalmente deslizamentos de terra nos períodos mais chuvosos do ano” (LEAL *et. al* , 2008, p. 8).

O bairro supracitado forma um grande e denso aglomerado residencial de baixa renda e carente de infraestrutura, resultantes da atuação dos distintos agentes configuradores contemporâneos (estado, empresas, população). O início dessa ocupação se deu em meados do século XIX. Até esse período esta localidade era constituída por fazendas e poucas habitações, dispersas ao longo do bairro.

Pelo arrendamento de parcelas das fazendas, as áreas passaram a se adensar, contando ainda com a presença de ex-detentos da Penitenciária Lemos de Brito. O adensamento das áreas centrais do bairro ocasionou a procura de outras localidades em áreas de baixadas nessa localidade e esse processo teve maiores proporções a partir da

década de 1980. Já na década de 1990 deu-se início à ocupação da Nova Mata Escura, e, atualmente, as ocupações ocorrem nas áreas próximas às obras do metrô e do Horto da Mata Escura. (MATA ESCURA, Plano de Intervenção, 2005).

1.2. Associações Parceiras

- ACOPAMEC - Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão
- Projeto TBC (UNEB) – Projeto de Turismo de Base Comunitária no Cabula e entorno

1.3. Endereço completo e Telefone/E-mail/ Website/ Blog da(s) Associação(ções)

- ACOPAMEC -
Endereço: Rua São Mateus, 06 - Mata Escura, Salvador – BA. CEP 41220-200.
Telefone: (71) 3306-1817. Email: acopamec@acopamec.org.br
Website:<http://www.acopamec.org.br/>

- PROJETO TBC (UNEB) -
Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA.
CEP: 41.150-000. Prédio da Pós Graduação,
Sala do Grupo de Pesquisa Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo
(SEETU)
Tel.: 71 3117-2405

2.0 Descrição da área, problemática e justificativa da proposta coletiva de assistência técnica

2.1 Aproximação do grupo com a comunidade

A relação entre a FAUFBA e a comunidade de Mata Escura deu-se, sobretudo pela parceria ocorrida em 2005 entre a ACOPAMEC e a disciplina Ateliê V, onde alunos da associação e moradores da comunidade se juntaram aos alunos da graduação para fazerem propostas de melhorias nos espaços públicos de Mata Escura. Dessa parceria resultou a publicação *Mata Escura – Plano de Intervenção*, coordenada pela professora Angela Gordilho, com propostas que ainda hoje são referências para a implantação de projetos na comunidade.

Essa parceria bem-sucedida foi então retomada com a segunda turma de residentes, onde um grupo de oito profissionais se formou para atender às possíveis demandas apontadas por Padre Miguel, presidente da ACOPAMEC, sendo elas: medidas para proteção e recuperação o “Horto de Mata Escura” (Eixo Áreas Verdes); proposta para melhorar a mobilidade na Rua Direta de Mata Escura (Eixo Fluxos); melhora no manejo de resíduos sólidos da comunidade (Eixo Saneamento); projeto para a ACOPAMEC no Calabetão (Eixo Encontros); e recuperação de locais convívio e lazer na comunidade (Eixo Paisagem).

Essas demandas foram colocadas em um primeiro momento pela associação, porém foram necessárias reuniões com mais membros da comunidade para verificar exatamente do que se tratavam essas demandas e se realmente elas seriam o objeto de trabalho dos profissionais residentes. Por isso, em janeiro de 2016 foi realizada uma reunião na própria ACOPAMEC (ver anexo 1), onde participaram outras lideranças e moradores do bairro,

onde de fato se iniciou o processo participativo e de mobilização da comunidade em torno das demandas e do trabalho de assistência técnica.

Nesse primeiro encontro oficial foi possível perceber que a comunidade tinha diversos agentes interessados na colaboração com a proposta de trabalho da RAU+E, e que muitos eram engajados nas questões do bairro e tinham bastante para contribuir com o conhecimento teriam papel estratégico no reconhecimento do território e no diagnóstico das demandas.

2.2 Demandas da comunidade

Para além das demandas previamente estabelecidas, ao explorarmos o território de Mata Escura/Calabetão foi possível compreender melhor do que se tratavam as questões colocadas pela comunidade durante os momentos em que a equipe esteve *in loco* (a forma de aproximação do território será explicada mais adiante no item 3.1).

Em algumas visitas técnicas, pudemos observar e analisar outros pleitos a serem discutidos, de forma colaborativa e participativa com os moradores. Nesse contexto foi fundamental o acompanhamento de moradores como Edson Barbosa, *Chineles (AMME), Joice Cristina (ACOPAMEC) em visitas técnicas pela comunidade, onde foi possível não só conhecer o espaço físico construído, mas também as relações sociais e os usos que nele se desenvolvem.

Através dessas visitas foi possível confirmar algumas questões trazidas em reuniões com os moradores, como por exemplo, a problemática do fluxo de carros e pedestres na R. Direta de Mata Escura; o acúmulo de resíduos sólidos em “pontos de lixo” da comunidade; e o déficit e a degradação de espaços de convívio e lazer. Além disso, a partir das visitas pudemos realmente ver como a urbanização do local se deu na topografia acidentada e como isso origina bairros distintos.

2.3 Diagnósticos, resultados preliminares e contexto de delimitação da proposta

A partir das primeiras reuniões, visitas, coleta de dados secundários, foi possível obter um diagnóstico preliminar, que orientaria a atuação de cada profissional residente, a partir da criação de um Plano de Trabalho.

Dessa forma, foram estabelecidos os seguintes eixos de atuação:

► Dificuldade de articulação entre fluxos e funções: pedestres, carros, comércios e residências. Necessidade de melhoria dos passeios, micro-acessibilidade; sentido das vias (mão e contra-mão da Rua Direta de Mata Escura); ocupação irregular das calçadas pelo comércio → **EIXO FLUXOS:** Acessibilidade X Mobilidade - Joaquim Nunes (arquiteto/UFBA).

► Projeção de uma praça, para convívio social, em uma área de propriedade da ACOPAMEC que fica situada no Calabetão → **EIXO ENCONTROS:** Espaços Públicos - Fernanda D'Angelo (arquiteta/FAUUSP).

► Estudo sobre a paisagem nos espaços públicos na comunidade da Mata Escura, de forma a estimular a utilização destes. **EIXO PAISAGEM:** Ambiente urbano x Relações de convívio - Andréa Bianca R. Chong (urbanista/UNEB).

► Estudo sobre a dinâmica dos resíduos sólidos urbanos na comunidade, que atualmente demonstram-se gerenciados de forma inadequada, bem como, a promoção de ações que busque a não geração e a redução da geração desses resíduos. **EIXO SANEAMENTO:** Resíduos Sólidos - Danilo Sobrinho (engenheiro sanitário e ambiental/UFBA).

► Avanço das ocupações sobre a área de proteção ambiental (Horto Florestal) → **EIXO ÁREAS VERDES** - Débora Marques (urbanista/UNEB), Elisete Vidotti (arquiteta/UNIFACS), Patrícia Duarte (arquiteta, UFRGS), Gisele Paiva (arquiteta/UNIFACS).

No caso dos quatro primeiros citados acima, propunha-se buscar uma poligonal de atuação comum, para que dessa forma o diagnóstico feito sobre uma mesma área pudesse ser mais abrangente e os projetos finais estarem em consonância. Porém se seria possível trabalhar numa mesma poligonal dependeria do aprofundamento dos estudos sobre o território e as demandas previamente apontadas, contando sobretudo com a participação da comunidade.

Para uma diagnóstico preliminar foram levantados dados secundários, com base em dados do IBGE, artigos, planos e relatórios relacionados à área, que nos deram subsídios para compreendermos melhor do que se trata a realidade de Mata Escura Calabetão.

Com relação à renda, a coleta de dados junto ao IBGE demonstrou que a renda média da população nas comunidades pesquisadas, Zeis de Mata Escura e Calabetão, se situam entre R\$ 467,09 e R\$ 494,81, respectivamente, o que revela uma renda inferior ao salário mínimo praticado no país, que é de R\$880,00 (decreto 8.618/2015).

3. Pesquisas, oficinas, metodologias definidas na proposta coletiva de assistência técnica

3.1 Meios e processos adotados para a proposta coletiva do grupo com a comunidade

Como dito no item 2.1, algumas demandas haviam sido previamente apontadas pela ACOPAMEC e deram origem a eixos de atuação do grupo RAU+E Mata Escura, porém essas demandas deveriam ser estudadas mais a fundo.

Para isso foi criado em equipe estratégias de atuação, fazendo uso de Metodologias Integrativas aplicadas ao processo de assistência técnica de arquitetura, urbanismo e engenharia. O diagrama a seguir apresenta uma síntese do método adotado pela equipe:

Figura 2 – Metodologia de atuação – Grupo RAU+E Mata Escura

Janeiro - Março	Abril - Outubro	Novembro - Dezembro
DIAGNÓSTICO	PROJETOS	FINALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - Voltar às raízes - Identificação dos atores estratégicos - Construção da confiança - Descoberta dos “territórios invisíveis” e “territórios proibidos” - Levantamento das demandas - Georreferenciamento dos dados recolhidos 	<ul style="list-style-type: none"> - Trajetos em companhia de líderes - Oficinas e reuniões de discussão sobre os projetos que visam atender às demandas - Mapa de Intervenções participativo 	<ul style="list-style-type: none"> - Fechamento dos projetos para entrega à banca - Apresentação para avaliação da banca - Apresentação e doação dos projetos à comunidade

Fonte: elaborado pela equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Durante esse processo contamos com a colaboração de agentes estratégicos da comunidade, como associações e representações de diversos bairros (Mata Escura, Nova Mata Escura, Jardim Santo Inácio, Pampulha e Recanto Verde) e também escolas públicas

(Escola Estadual Márcia Meccia e Escola Municipal Maria Constança), onde seria possível maior aproximação com os jovens da comunidade. Nesse contexto vale ressaltar que tivemos uma ausência de lideranças e representações do bairro do Calabetão, o que influenciou no encaminhamento para a definição das poligonais de atuação. Ou seja, os resultados obtidos ao longo do processo participativo contemplam as demandas e opiniões sobretudo daqueles que puderam estar presentes.

29/01: Apresentação do Plano de Trabalho + Oficina 1 (Territórios imateriais)
08/03: Fórum Social de Mata Escura. Apresentação do Chega Junto!
15/03: Chega Junto! + Oficina 2 (Reconhecimento do território por eixos)
21/03: Visita de Campo
30/03: Chega Junto! + Oficina 3 (Aprofundamento das poligonais – Escola Estadual Marcia Meccia e Escola Municipal Maria Constança)
07/04: Chega Junto! (Apresentação do diagnóstico parcial)
15/04: Reunião com Nestor Neto (Diretor Geral de Acompanhamento das Ações SMS)
16/04: Visita ao Terreiro Bate-Folha
19/04: Visita de Campo
28/04: Fórum Social de Mata Escura
12/05: Chega Junto! (Consolidação de proposta/diagonal de atuação)
18/05: Visita de Campo
05/07: Visita de Campo

As oficinas e atividades gerais, elaboradas em grupo, deram subsídios aos objetivos em comum aos quatro eixos, como por exemplo o conhecimento dos diversos territórios materiais e imateriais¹ do bairro, e a definição do território de atuação da equipe. No entanto, embora tenham sido construídas de forma coletiva, cada atividade pôde subsidiar de forma singular cada eixo de atuação. Por isto, estas serão apresentadas abaixo enquanto proposta coletiva de assistência técnica e, no entanto, serão detalhadas de forma específica em itens que seguem.

3.1.1 Rodas de conversa – Chega Junto!

No momento inicial de aproximação com a comunidade, vimos que esta já possuía um fórum de discussão, o *Fórum de Desenvolvimento Social de Mata Escura*, instituído desde 2007 no âmbito da Agenda 21 e da atuação do Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais (LTECS) da Universidade Salvador (UNIFACS). Este grupo é composto por lideranças locais, representantes da sociedade civil organizada e profissionais parceiros, a exemplo do Turismo de Base Comunitária do Cabula e Entorno (TBC), Projeto coordenado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Vimos que era um encontro do qual a comunidade já havia se apropriado e que tinha para ele suas próprias pautas, não tendo uma frequência exata de reuniões e nem um canal oficial de comunicação. Além disso, sentimos a necessidade de criar um espaço de encontros que marcasse a presença da RAU+E na comunidade e que pudesse estar de acordo com os temas da assistência técnica e ser realizado com os tempos e frequências necessárias ao desenvolvimento dos trabalhos, sem interferir na dinâmica do fórum que a comunidade já possuía. A criação desse “novo fórum” foi discutida e aprovada em reunião com a comunidade, e a ele foi dado o nome de “Chega Junto!”, buscando, através de uma linguagem mais descontraída, atrair os moradores da comunidade, sobretudo os jovens.

¹ Ver em Santos (2006).

3.1.2 Informação via Internet e Aplicativos – Blog, Facebook e Whatsapp

Como forma de facilitar a comunicação entre os integrantes do Fórum e do Chega Junto, foi criado um grupo no WhatsApp, composto por 47 membros, que passou a ser um importante canal de debates das demandas da comunidade, além das questões relacionadas à RAU+E, possibilitando discussões, tomada de decisões e agendamento de ações.

Além do Grupo do WhatsApp foram instituídos outros canais que permitissem maior alcance na comunidade, incluindo no processo de participação outros atores que não estavam diretamente envolvidos. Assim sendo, foram criados o blog, cujo endereço é <http://raue2mataescura.blogspot.com.br/> e perfil no facebook, denominado "Residência Aue Ufba Mata Escura", que se tornaram importantes canais de divulgação e registro da trajetória do processo de assistência técnica desenvolvido na comunidade da Mata Escura.

Na Figura 3 apresenta-se um print da tela de cada um dos canais anteriormente citados:

- Perfil no Facebook;
- Grupo no WhatsApp;
- Blog.

Figura 3: Print da tela dos canais de comunicação



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

3.1.3 Oficinas

As oficinas que ocorreram ora em grupo, ora de forma específica em cada eixo foram muito importantes para a interpretação da equipe sob os anseios da comunidade. Estas serão descritas com mais propriedade nos itens 3.2 e 4.2.1 deste trabalho.

3.1.4 Visitas de Campo

As visitas de campo (tabela 1) foram provavelmente um dos mais importantes meios de conhecer o território de atuação. Através delas foi possível não só conhecer, mas também

vivenciar questões colocadas em reuniões com a comunidade, como por exemplo as dificuldades de locomoção, a falta de acessibilidade, a precariedade das escadarias, sistemas de esgotamento e drenagem, acúmulo de lixo, falta de espaços de lazer, etc.

Apesar de termos feito algumas visitas no começo do trabalho de campo, as visitas mais relevantes ocorreram após a definição da poligonal de atuação dos eixos Fluxos, Encontros, Paisagem e Saneamento (conforme mostrado no item anterior). Como dito, a definição dessa poligonal nos permitiria um aprofundamento maior sobre determinada área, algo que seria difícil conseguir caso se decidisse atuar por todo o território de Mata Escura/Calabetão.

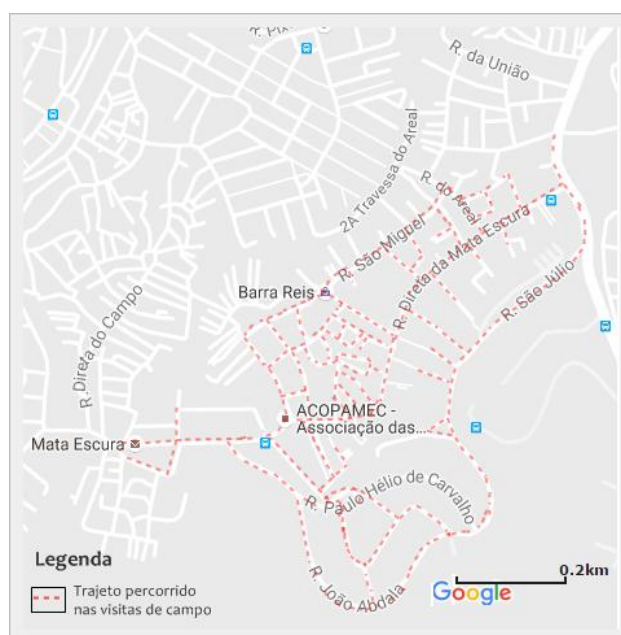
Tabela 1 – Visitas realizadas pela equipe RAU+E Mata Escura

Visitas - Datas	Locais visitados	Acompanhantes	Referência
	Fim de Linha/ Pampulha/ Rua Direta	Profa. Ângela Gordilho Sra. Ângela Barcelar	UFBA ACOMPAMEC
21 de março	Mata Escura/ Nova Mata Escura/Calabetão	Sr. Chineles Sr. Joel Sr. Edson	LÍDERES COMUNITÁRIOS
19 de abril	Rua Direta da Mata Escura	-	Equipe RAU+E Mata Escura
18 de maio	Rua Direta da Mata Escura/ Babilônia	Sr. Edson Sra. Joice	LIDER COMUNITÁRIO ACOPAMEC
05 de julho	Rua Direta da Mata Escura/ Fim de Linha	-	Equipe RAU+E Mata Escura
09 de setembro	Rua Direta/ Bate- Folha/Pampulha/	Sra. Joice	ACOMPAMEC
15 de setembro	Rua Direta/Fim de linha/Pampulha	-	Equipe RAU+E Mata Escura

Fonte: Elaborado pelo eixo Paisagem, 2016.

Os trajetos percorridos de todas as visitas realizadas estão indicados abaixo, na figura 4.

Figura 4 – Mapa das visitas técnicas realizadas



Fonte: Elaborado pelo eixo Paisagem, com base no Google, 2016.

3.2 Os resultados obtidos para a definição dos projetos específicos

Com a finalização da etapa inicial, de aproximação e conhecimento prévio das demandas e anseios da comunidade foram iniciadas as ações de conhecimento da área em estudo. Neste item apresentam-se os resultados obtidos com a realização do CHEGA JUNTO!, das Oficinas e visitas à comunidade.

Vale ressaltar que durante esses encontros estiveram presentes moradores e liderança de Mata Escura, Nova Mata Escura, Recanto Verde e Jardim Santo Inácio.

Oficina de mapeamento dos territórios imateriais

O primeiro encontro foi realizado com os integrantes do Fórum de Desenvolvimento Social de Mata Escura, no dia 29 de janeiro de 2016. A Oficina intitulada "Mapeamentos dos Territórios imateriais" (Santos, 2006), teve por objetivo compreender o território da Mata Escura pela visão de seus moradores, buscando identificar aquelas delimitações não registrada oficialmente, mas instituída na comunidade e respeitada pelos moradores, principalmente os mais jovens.

O encontro também permitiu apresentar uma síntese do Plano de Trabalho de atuação na comunidade, explicando por meio da "Cartilha da Assistência Técnica", os objetivos da residência, os eixos de trabalho individuais e a justificativa da escolha das Comunidades, Mata Escura e Calabetão.

A figura 5 destaca as etapas do evento, desde a formação inicial da roda de conversa, passando pelas atividades de reconhecimento da comunidade em mapa para em seguida iniciar o processo de delimitação dos "territórios imateriais", e por fim o registro final do encontro.

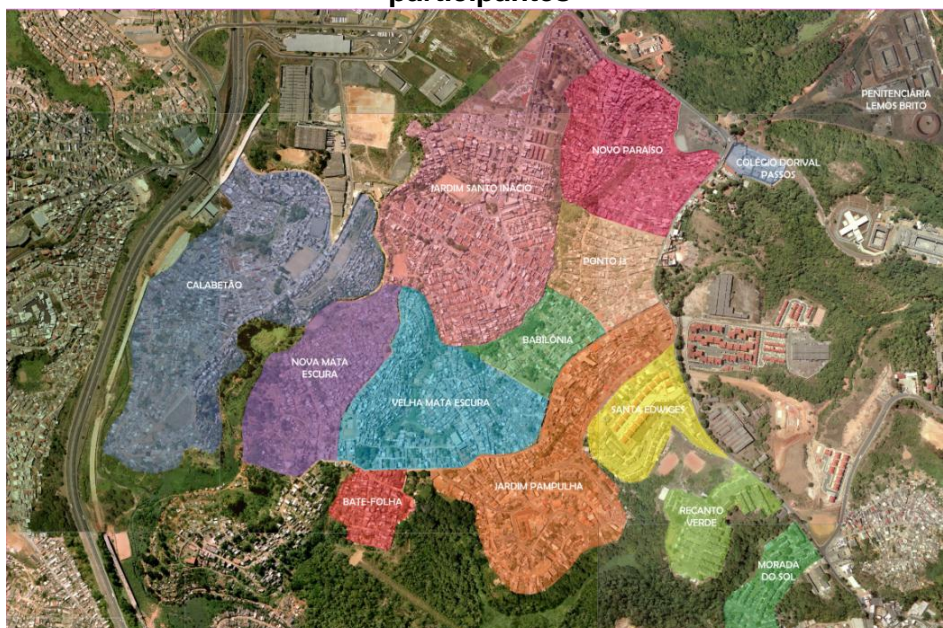
Figura 5 - Registro fotográfico da oficina Mapeamento dos territórios imateriais



Fonte: Residência AU+E/UFBA - Mata Escura, 2016.

Ao todo foram reconhecidas 14 áreas diferentes que compõem o território de Mata Escura (Figura 6). Como dito anteriormente, essa delimitação não é oficial e certamente não é completamente precisa, afinal estamos falando de “territórios imateriais” apontados pelos presentes e podem existir divergências entre os moradores sobre o reconhecimento dessas áreas. Entretanto, é importante identificar essa composição, pois permite maior conhecimento do local, no olhar de alguns moradores e não apenas de acordo com as informações técnicas oficiais.

Figura 6 – Delimitação dos territórios invisíveis apontados pelos participantes



Fonte: Residência AU+E/UFBA - Mata Escura, 2016.

Chega Junto!

O 1º **CHEGA JUNTO!** foi realizado em 15 de março de 2016 com o objetivo de mapear pontos positivos e negativos de cada um dos temas abordados por eixo temático e a partir dos resultados definir a área de atuação. Dos 5 eixos que compõem o Projeto, apenas o Eixo Áreas Verdes já possui a poligonal delimitada, uma vez que terá como foco o horto florestal. Sendo assim a finalidade do evento é demarcar a área de abrangência dos Eixos Encontro, Fluxo, Paisagem e Saneamento.

O encontro foi dividido em dois momentos:

(1) Tempestade de ideias: Por meio desta técnica, os presentes foram estimulados a dizer palavras relacionadas aos temas abordados por eixos temáticos, as quais eram relacionadas em um cartaz pelos residentes. (Figura 7)

Figura 7 - Tempestade de ideias do 1º Chega junto!



Fonte: Acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

(2) Delimitação da área de atuação: Na segunda etapa do evento os participantes foram apresentados ao mapa com ortofoto da Mata Escura, permitindo que se localizassem e identificassem pontos de referência, a exemplo da Acopamec, rua direta e final de linha. Em seguida os participantes foram divididos em 3 grupos, onde cada grupo permanecia por 15 min em cada uma das três mesas. Cada mesa continha um mapa e representa um tema Saneamento, Fluxos e Encontros + Paisagem. Em cada mapa os moradores deveriam marcar o que Curtem e o que Não Curtem relacionados a cada tema. Dessa forma, buscava-se visualizar no território onde se concentram, pela visão dos moradores, áreas onde caberiam a cada eixo atuar.

A marcação do Curti/Não Curti foi feita com adesivos, onde cada eixo tinha uma cor para Curto e outra para Não Curto (Azul- Saneamento; Laranja- Fluxos; Rosa- Encontro+Paisagem). Enquanto isso cada membro do Grupo RAU+E responsável por seu eixo foi fazendo anotações sobre o que era dito pelos moradores.

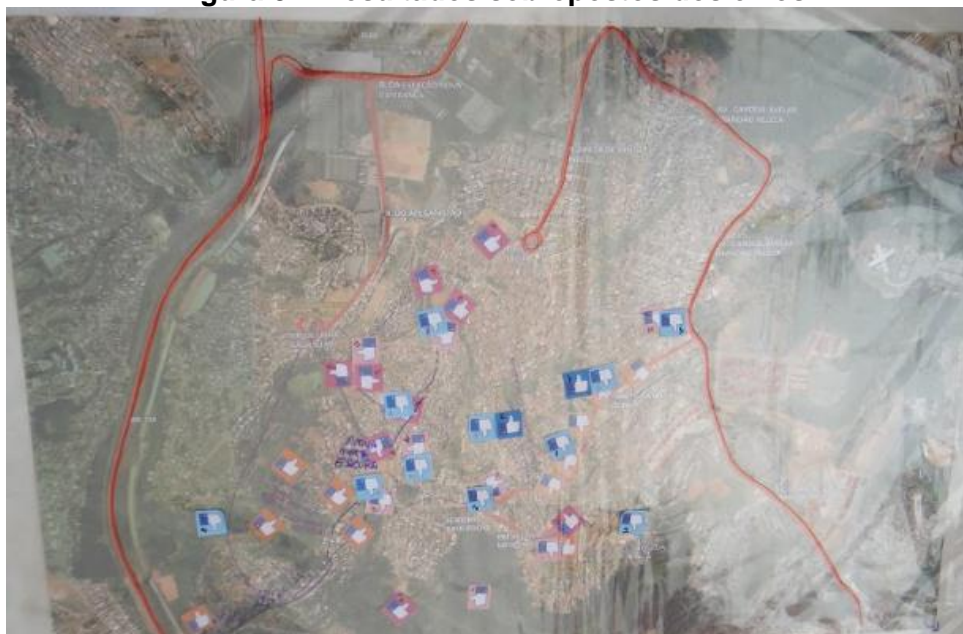
Figura 8 - Registro da atividade de delimitação da área de atuação



Fonte: Acervo pessoal da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Todas essas marcações foram feitas sobre uma camada de papel celofane transparente. Ao final das marcações por temas, sobrepomos as 3 camadas para formar uma única e analisar quais as áreas de concentração das questões debatidas (figura 9).

Figura 9 – Resultados sobrepostos dos eixos



Fonte: Acervo pessoal da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

O **2º CHEGA JUNTO!** foi realizado em 30 de março de 2016 na Escola Estadual Marcia Meccia, com a participação dos alunos do 1º ano do Ensino Médio dessa escola e do 8º ano da Escola Estadual Maria Constança.

O evento foi dividido em dois momentos:

(1) Apresentação do Projeto: Inicialmente foram expostos a finalidade do evento, os objetivos da residência, a equipe de atuação e o formato de trabalho através dos os eixos temático, bem como, a justificativa da escolha das Comunidades, Mata Escura e Calabetão e a importância da participação da comunidade nesse processo.

Figura 10 - Apresentação do projeto - 1º momento do 2º Chega junto!



Fonte: Acervo pessoal da Equipe RAUE+E Mata Escura, 2016.

(2) Realização de dinâmicas: Os presentes foram divididos em grupos de 5 a 10 pessoas para realização de atividade por eixos de atuação: Áreas Verdes, Encontro, Fluxos, Paisagem e Saneamento. Em cada grupo foi desenvolvida uma oficina diferente, mas todas tiveram em comum o objetivo de interagir com os jovens, permitindo a troca de saberes e principalmente debater questões relacionadas a comunidade da Mata Escura, relacionadas com os eixos temáticos.

Figura 11- Atividades em grupo - 2º momento do 2º Chega junto!



Fonte: Acervo pessoal da Equipe RAUE+E Mata Escura, 2016.

Eixo Áreas Verdes

Através de uma atividade de percepção denominada Mapas Mentais, cada estudante desenhou, escreveu e compartilhou a sua visão da área e os principais problemas existentes. Em seguida foi utilizada a técnica de tempestade de ideias, para estimular a criatividade dos alunos.

Como resultado os jovens demonstraram o conhecimento local, e também, levantaram propostas de melhorias para a área analisada, por meio de frases, ilustrações e palavras, apresentando algumas ideias e sonhos do que poderia ser feito nesta localidade.

Eixo Encontros

Primeiramente buscou-se estimular os alunos a identificarem alguns espaços de lazer/convívio na comunidade Mata Escura, através de um "Jogo da Memória" com fotos e vistas aéreas desses lugares. Depois dos pares de imagens correspondentes terem sido identificados, pediu-se aos alunos que indicassem no mapa onde estavam localizados cada um desses espaços.

Entre os principais problemas levantados sobre o Fim de Linha de Mata Escura foram: violência, falta de um módulo policial (o que existe lá está desativado), falta de brinquedos e degradação em geral (necessidade de reforma). Como é um local por onde a maioria deles passa todo o dia e infelizmente encontra-se em más condições de conservação, o sentimento com relação àquele local é de preocupação com sua situação atual de abandono e um desejo de melhoria para que este possa se constituir como um local de encontro agradável e compatível com o público que o frequenta.

Eixo Fluxos

A oficina teve a intenção de construir uma cartografia dos fluxos a partir da visão dos alunos e obter mais elementos para delimitação da área de intervenção. Inicialmente houve uma conversa para entendimento da atuação do eixo fluxos na comunidade e os temas a serem abordado, mobilidade e acessibilidade. Em seguida utilizando a técnica de tempestade de ideias, os alunos sugeriam palavras e em seguida escolhia uma delas para representá-la em forma de desenho.

Entre os resultados percebeu-se que as delimitações de áreas onde há em comum a todos os jovens ali, sentimento de pertencimento (todos falaram do entorno da Escola Marcia Meccia como uma área agradável), de afastamento (citaram regiões que não se

sentem convidados a percorrer, principalmente na área do “larginho”), conforto (a rua Pampulha foi a mais citada como fácil para percurso), conflito de usos (A rua direta, pelo conflito entre pedestres, veículos em uma via estreita com passeios irregulares, tomados parcialmente por usos comerciais e outros) e também foi citado a dificuldade de acesso a Estação do Bom Juá, sendo pela falta de infraestrutura adequada de acesso, como pela natureza da topografia irregular.

Eixo Paisagem

Para essa oficina houve uma preocupação em entender, sob a perspectiva de alguns jovens da Escola, o que se pensa sobre Espaços Públicos/ Convívio/ Paisagem na Mata Escura, para então mapear alguns desses espaços.

Primeiramente foi utilizada a técnica de tempestade de ideias, onde cada aluno sugeriu palavras que tinham em mente sobre os temas abordados. Na sequência promoveu-se uma roda de conversa, com intuito de dialogar sobre como o planejamento de um espaço pode se tornar mais atrativo e convidativo. Em seguida identificou-se em mapa, os locais mais utilizados pelos alunos e outros com potencial para fins de convívio.

Eixo Saneamento

O objetivo central da oficina foi identificar a percepção dos jovens acerca das questões relacionadas ao componente do saneamento básico limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos. Apesar disso, o espaço ficou aberto a outras questões e comumente eram citadas questões relacionadas à falta de segurança pública e a carência dos serviços públicos de saúde.

Utilizando-se a técnica participativa, Oficina de Futuro, para levantamento de problemas e potencialidades de uma comunidade, foram debatidos a realidade atual da comunidade sobre os serviços de limpeza urbana e o manejo dos resíduos sólidos, momento identificado como "O QUE TEMOS". Em seguida foram discutidos os problemas enfrentados pela comunidade a respeito do tema em questão construindo-se o “MURO DAS LAMENTAÇÕES” e por fim, o grupo indicou soluções para todos os problemas identificados, apresentando a situação ideal desejada ao plantar sua “ÁRVORE DOS SONHOS”.

Para finalizar a oficina foram projetados registros fotográficos da visita de campo realizada anteriormente na comunidade. Após exibição das imagens os jovens foram provocados a refletir os assuntos abordados anteriormente, e questionados quanto uma possível alteração / inserção de problemas ou soluções por eles apresentados. No entanto, o grupo concluiu que não eram necessários complementos, uma vez que consideraram ter abordado todas as questões.

O 3º CHEGA JUNTO! foi realizado em 07 de abril de 2016

Este encontro teve como finalidade apresentar as lideranças, moradores e atores envolvidos no processo de assistência técnica um balanço dos eventos realizados até o momento. Bem como, obter o retorno dos presentes quanto os resultados obtidos e desenhar os caminhos a serem seguidos.

Baseado na metodologia de construção participativa, as contribuições e o aval dos representantes da comunidade era imprescindível para validação das atividades até então desenvolvidas e definição dos os projetos individuais produtos, principalmente no que se refere a poligonal de intervenção dos trabalhos a serem desenvolvidos por eixos de temático.

Na Figura 12 apresenta-se o registro fotográfico do evento.

Sendo assim, a partir da trajetória de atuação na comunidade, foi possível perceber que há uma recorrente indicação da necessidade de se trabalhar os eixos Encontros,

Fluxos, Paisagem e Saneamento na cumeada de origem de Mata Escura, caracterizada principalmente pela passagem da Rua Direta.

Figura 12 – Registro fotográfico do 3º Chega junto!



Fonte: Acervo pessoal da Equipe RAUE+E Mata Escura, 2016.

A Figura 13 representa a área de atuação da equipe que foi apresentada no encontro como resultado das oficinas anteriores. Para os presentes, a poligonal formada atendia os anseios da comunidade e contemplava as demandas pré-estabelecidas.

Figura 13 – Identificação da área de atuação da equipe RAU+E Mata Escura



Fonte: Elaborado pela Equipe RAUE+E Mata Escura, 2016.

Imagem do Google Earth com demarcação da cumeada da R. Direta.
Fonte: Residência AU+E/UFBA - Mata Escura, 2016.

O **4º CHEGA JUNTO!** foi realizado em 12 de maio de 2016

Na tarde do dia 12 de maio de 2016, foi realizado mais um encontro CHEGA JUNTO! RAU+E MATA ESCURA! Nesta reunião compartilhamos e fechamos os próximos passos dos eixos da equipe RAUE+ Mata Escura (figura 14).

Figura 14 – Registro fotográfico do 4º Chega Junto!



Fonte: Acervo pessoal da Equipe RAUE+E Mata Escura, 2016.

Estas oficinas, apesar de terem sido conduzidas de forma diferente em cada um dos eixos de atuação, foram idealizadas de forma coletiva. Assim, algumas delas estão descritas de forma breve neste item e outras descritas no item 4.0 deste trabalho, conforme perspectiva do Eixo Paisagem.

Eixo Paisagem – Paisagem urbana na comunidade: Diretrizes para Espaços Públicos na Mata Escura

EIXO PAISAGEM

4.1 Introdução

Paisagem na comunidade? Antes de debruçarmos à questão focal deste trabalho, que é a paisagem urbana em espaços públicos na comunidade da Mata Escura, entende-se que é importante a apreensão conceitual do que venha ser paisagem.

Para refletir sobre o que é paisagem, torna-se necessário delimitá-la. Isso por que os conceitos e contextualizações acerca desta possuem vertentes variadas que vão desde campo da geografia até o campo da psicologia, passando por muitas outras áreas de conhecimento. De modo corroborado, para Chantal & Raison (*apud* CASTRO, 2005), este conceito varia de acordo com a escala de observação e os critérios de classificação, conforme a geografia for entendida prioritariamente como ciência natural ou como ciência humana.

Carl Sauer (1998) defende que no espaço existe a paisagem natural e a paisagem cultural. Para o geógrafo alemão, a paisagem natural é aquela que reflete as formas e objetos da natureza (que pode existir com a presença ou ausência do homem), e a paisagem cultural é a resultante da relação do homem com o meio. Para ele “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (Sauer, 1998, p.59).

No entanto, como trazido por Castro (2002), a nova geografia ampliou os horizontes da discussão de paisagem. Esta passou a ser revestida de novos conteúdos, com a incorporação de noções como percepção, representação, imaginário e simbolismo. Por isso, e por entender que analisaremos a paisagem dentro do contexto do espaço urbano, opta-se utilizar, neste presente trabalho – e assim como muitos autores da área da geografia – a paisagem como sendo a “paisagem urbana”.

De acordo com Gordon Cullen (1983), a paisagem urbana é o aspecto visual que torna coerente os edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Lygia Terra (2008) reafirma a premissa óptica quando considera que paisagem é tudo aquilo que vemos no espaço. Para a autora, a paisagem se constitui a partir da presença em diferentes escalas dos elementos naturais e culturais sobre os quais a sociedade interage e cuja percepção permite a leitura do espectador. Assim, ao observamos uma paisagem encontramos nela elementos socioculturais resultante da formação histórica, cultural, emocional, físico, resultante da dinâmica natural.

Sob esta perspectiva, a paisagem é trazida não só como um elemento físico, traduzido pelo que se é palpável, mas também como uma produção humana, um conjunto de elementos e objetos interligados. Por tanto, apresenta-se de maneira dual: sendo ao mesmo tempo real e representação (Castro, 2002).

Ao fazermos uma analogia às categorias do método geográfico de Santos (1985), quando se é disposto sobre as definições de forma, função, estrutura e processo – pensados a partir de um contexto geográfico-espacial, podemos entender que paisagem pode ser entendida como a forma em que o espaço está disposto.

No entanto, ressalta-se que assim como a paisagem, a forma é o aspecto visível, ao arranjo ordenado de objetos, um padrão – mas não se limita a isso. Para Santos (1978) a forma só se torna relevante a partir do momento em que a sociedade lhe confere algum valor social. Esse valor está inserido no tempo: para entendermos a forma de algum lugar, devemos levar em consideração o tempo em que foi organizado. Até porque, segundo Santos (1978), o tempo pode passar e a forma pode continuar a existir.

Nesse sentido, “as transformações da sociedade são, em certa medida, limitadas e dirigidas pelas formas preexistentes” (SANTOS, 1978, p. 54). No entanto, deve-se ter em mente que o valor técnico da forma não é determinado a partir da própria forma, como ressalta o autor, mas das necessidades da estrutura de onde ela surge ou que nela se encaixa. Assim o valor da forma acaba mudando na medida em que se muda a estrutura.

Para Santos (1978), há uma inseparabilidade dessas quatro categorias (forma, função, estrutura e processo) para entender a totalidade do espaço em seu movimento. Por isso, e por entender que a paisagem de um espaço contém e está contido na sua função, estrutura e processo, a autora deste presente trabalho considera importante a explanação destas demais categorias.

A função sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. A função de uma localidade na cidade está ligada com a função que a sociedade atribui a esta e os processos atribuídos à forma, que determina a função desta num dado lapso temporal. Assim, Santos (1978), ressalta que a função está diretamente ligada à forma, portanto, sendo uma “atividade elementar de que a forma se reveste” (SANTOS, 1978, p.51).

Estrutura para Santos (1978) pode ser considerada como a inter-relação de todas as partes de um todo. É o modo de organização ou construção. Para Sauer (1998), a estrutura e função da paisagem são determinadas por formas integrantes e dependentes.

Processo está relacionado ao tempo: uma propriedade fundamental para entender a organização espacial do presente. Isso porque a organização atual de um espaço é como ressalta Santos (1978), a acumulação de objetos e organizações do passado e as mudanças ocorridas no decorrer do tempo. Por tanto, pode ser definido como uma ação contínua que se desenvolve em direção a um resultado qualquer.

Sobre esta categoria, o processo, pode-se pensar também que a paisagem de um determinado local modifica-se e torna-se outra com o passar do tempo. Isso porque, assim como o espaço, a paisagem urbana é dinâmica. Para Santos (1997):

“A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa

acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (SANTOS, 1997, p. 37)

Esse movimento que ocorre na paisagem de uma cidade reforça a importância de que, ao se analisar o espaço como um todo, leve-se em consideração o fator pessoas. Nas palavras de Lynch (1980): “Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores, mas sim uma parte activa dele.” (LYNCH, 1980, p. 11-12).

Ainda considerando a importância das pessoas para a construção e relação com a paisagem urbana, seja pela forma que esta esteja disposta (a sua imagem), pela função atribuída ou pela estrutura que esta lhe confere, decorrente de processos, o presente trabalho se propõe a analisar a paisagem urbana em contexto ao espaço público da comunidade da Mata Escura.

Vale ressaltar que esta análise limita-se aos efeitos dos elementos físicos perceptíveis e as relações de coletividade da comunidade com determinados espaços. Isto porque se acredita que o espaço público quando não é palco de inter-relações, acaba se tornando sinônimo de individualismo e anonimato. Le Goff (1988) acrescenta, ainda, que sem a sociabilidade e o prazer de estar com o outro, o espaço não tem sentido.

No entanto, para entender de fato as inter-relações da comunidade e seus espaços, por tanto a percepção da sua imagem, foi necessário que todo processo de análise, construído a partir de diversas atividades e em variados momentos, se desse de forma participativa e colaborativa. Foi priorizado o envolvimento dos atores locais na condução de cada etapa. Nesse sentido, procurou-se evitar a tendência das "ideias fora do lugar" (MARICATO, 2000), onde, os modelos de planejamento e análise de locais são copiados na íntegra para outros com características socioespaciais completamente diferentes.

No entanto, admite-se que em um primeiro momento, e antes de iniciar o processo participativo para a construção deste trabalho, houve os pareceres breves de quais seriam os supostos desafios a serem enfrentados neste percurso e as primeiras impressões da comunidade.

O primeiro desafio do trabalho se deu a partir da percepção imediata ao entrar na Rua Direta, rumo à primeira reunião na ACOPAMEC (ver item 2.0). Neste momento, pôde-se observar que a comunidade da Mata Escura não é homogênea, e, portanto, antes mesmo de delimitar o território de atuação e o projeto a ser desenvolvido, seria necessário entender os diferentes territórios materiais e imateriais² da localidade. Ou seja, um esforço para entender os aspectos que um observador jamais entenderia sem o auxílio de quem vivencia, de fato, o espaço.

Outro desafio foi, diante de tantas demandas de infraestrutura urbana e dificuldades que estão imbuídas no dia-a-dia dos bairros populares de Salvador, como é o caso da Mata

² Para Santos (2006), o território material da cidade está relacionado ao que se pode tocar, sentir e ver, e a sua imaterialidade pertence ao mundo do abstrato, das ideias, das intencionalidades, que coordena, organiza e interpreta o mundo das coisas e dos objetos, traduzidos pelo mundo material.

Escura, inserir a importância da melhoria da paisagem do ambiente coletivo para a qualidade do meio urbano, e por tanto, qualidade de vida para quem o vivencia³. “Na arquitetura, no urbanismo e no planejamento urbano, os desafios situam-se, sobretudo, nas possibilidades de intervenções para a melhoria dessas imensas periferias ocupadas precariamente.” (GORDILHO, 2005, p.9).

Este desafio nos remete a pensar sobre o papel do Estado nestes bairros populares, enquanto um dos agentes capazes de transformar e reproduzir o espaço. Os chamados “agentes configuradores do espaço” (CÔRREA, 1995)⁴.

Isso porque devemos lembrar que a atuação do Estado não é neutra e nem equitativa. Embora as necessidades sociais sejam ilimitadas, sobretudo nestes bairros populares, os recursos são limitados. Portanto a ação do Estado, marcada pelos conflitos de interesses das diferentes classes, tende a priorizar as necessidades e os interesses da classe dominante. Neste sentido, evidencia-se, mais uma vez, a importância da assistência técnica para a construção de uma cidade mais justa.

Ainda no panorama de primeiras impressões, em relação à comunidade, outro desafio situado foi a questão de pertencimento ao lugar público: ao tempo em que o espaço público poderia ser utilizados por todos, parecia não haver, de forma geral, a sensação de responsabilidade e cuidado para a manutenção deste. Acredita-se que este sentimento de pertencimento pode impulsionar não só a relação do cidadão com o meio físico, mas também, fortalecer as relações de coletividade da comunidade. E essas relações com a coletividade, através de encontros de pessoas de todos os grupos sociais em determinados espaços, é o que Raquel Rolnik (2000) acredita ser necessário para tornar o espaço democrático.

Falando em espaço democrático, Konder (1994 *apud* Vitte, 2009), conclui que a cidade por si só não engendra a cidadania, mas é o lugar onde pode ser travada com melhores possibilidades de luta por sua efetivação. Nesse sentido, um espaço democrático relaciona-se com o incentivo à cidadania.

Estes e outros desafios, que surgiram durante o processo de construção deste estudo, foram norteadores para o desenvolvimento deste. Isso porque, buscou-se enfrentá-los a partir das metodologias integrativas que deram suporte às oficinas realizadas, juntamente a análise técnica de visitas *in loco*.

Foram identificados padrões de elementos da comunidade importantes para a configuração de determinados espaços. Os resultados, que foram analisados e agrupados, se traduziram em diretrizes. Diretrizes para alguns espaços públicos na Mata Escura, sob a perspectiva de

³ Entende-se por qualidade de vida, nesse trabalho, os conceitos trazidos por Jan Gehl (2013). Gehl sugere que o uso dos espaços públicos seja estimulado, uma vez que a permanência da população em espaços comuns da cidade (praças, parques, cafés) é considerada um indicador que exprime a qualidade de vida da cidade – quanto maior essa permanência, maior a qualidade de vida.

⁴ Corrêa (1995) define os agentes configuradores do espaço: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os proprietários imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

suas paisagens, que por suas características e representatividade, poderão servir de piloto e serem replicadas a outros espaços com atributos similares na comunidade.

Enquanto metodologia haverá uma ilustração de como estas diretrizes sugeridas podem, de forma ilustrativa, ser debatidas no espaço.

4.2. O processo – Eixo Paisagem

Neste subitem, iremos nos debruçar sob o verdadeiro produto deste estudo: seu processo. Entenderemos como foi a caminhada deste eixo até chegarmos às diretrizes que serão propostas, perpassando por cada etapa e atividade realizada, e apoiadas nas metodologias integrativas e referências norteadoras.

As oficinas que embora tenham tido a sua própria metodologia, foram desenvolvidas a partir de outras metodologias norteadoras.

Inicialmente pensou-se em se trabalhar o eixo paisagem a partir do estudo de um espaço público de convívio, como uma praça, por exemplo, dentro do bairro. No decorrer das oficinas, visitas e diálogo com a comunidade, percebeu-se que este eixo poderia ser construído de forma diferente. Por isso, este processo não somente será relatado, como comentado a partir de análise da autora, subsidiada em referenciais teóricos e vivência na comunidade.

Vale ressaltar que algumas atividades que serão descritas já foram inicialmente trazidas no item 2.0 deste trabalho. No entanto, comenta-se que por ter sido apresentada de uma forma geral e simplificada (atendendo à necessidade daquele momento), torna-se válido a retomada das abordagens destas atividades.

4.2.1 Oficinas específicas – metodologia e análise

Ao iniciarmos a descrição das oficinas específicas, entende-se importante retomar algumas informações da primeira oficina, ocorrida em 29 de janeiro de 2016, apesar de que esta não represente, sob nenhum aspecto, uma atividade intrínseca ao eixo Paisagem, uma vez que este eixo se quer havia sido instituído.

No entanto, o motivo pelo qual esta atividade está sendo trazida à tona é que seu desenvolvimento se deu a partir da necessidade de entendimento dos territórios materiais e imateriais da Mata Escura. E como trazido pela autora no item 4.0, este foi também um dos desafios iniciais deste estudo, uma vez que se considerou que um observador jamais entenderia determinados aspectos (sobretudo relacionados ao território imaterial) sem o auxílio de quem vivencia aquele espaço. Portanto, não haverá uma descrição da atividade – como ocorrerá nas demais, mas sim o registro de que o primeiro desafio deste trabalho foi levado adiante.

Oficina 1 – Conhecendo os territórios da Mata Escura

Data: 29 de janeiro de 2016

Horário: 09h30 às 12h00

Local: Sede da ACOPAMEC

Participantes: Equipe RAU+E Mata Escura; Professora da UFBA: Heliana Mettig; Lideranças de Mata Escura/Calabetão; Representantes da ACOPAMEC, do TBC e da 48º Departamento de Polícia.

A partir da oficina 1, que já foi descrita anteriormente, pudemos ter informações e subsídios, dadas pelos participantes, para a construção do mapa x digitalizado: a projeção espacial dos diferentes territórios apontados.

Figura 15 - Territórios da Mata Escura apontados pelos moradores



Fonte: Elaborado pela equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Uma vez entendido, ainda que superficialmente, o território da Mata Escura, a equipe se reuniu na FAUFBA para definirmos o eixo de atuação de cada profissional: sob qual aspecto, de acordo com a sua formação e aptidão, este atuaria na comunidade. Ressalta-se que foram definidos os eixos e não as demandas, que seriam definidas em momentos posteriores com a comunidade.

Portanto, na segunda oficina, ainda que realizada de forma conjunta, já foi possível extrair resultados por eixos.

Oficina 2 – Chega Junto! + Oficina 2 (Reconhecimento do território por eixos)

Data: 15 de março de 2016

Horário: 09h30 às 12h00

Local: Sede da ACOPAMEC

Participantes: Equipe RAU+E Mata Escura; Professoras da UFBA: Ângela Gordilho e Maria Lúcia; Lideranças e moradores de Mata Escura.

Essa oficina teve como objetivo principal descobrir uma poligonal prévia da possível atuação dos eixos (Saneamento, Fluxo, Paisagem + Encontro).

A primeira etapa desta oficina, que foi conduzida de forma coletiva, como já foi descrita no item 2.0, foi uma etapa de aproximação e acordo com os participantes, que guiaram todas as demais oficinas. Foram selados acordos como: a) horário do início das atividades, como sendo às 09h00 e com tolerância de 15min de atraso para o início e a mesma tolerância para a chegada dos participantes; b) diminuir o uso do celular durante as rodas de conversa e oficinas, com intuito de ser disponibilizada uma atenção maior às atividades propostas; c) respeitar o tempo de fala de cada pessoa.

Com os acordos selados, iniciamos a segunda etapa da oficina: onde se trabalharia a partir dos eixos de atuação. As metodologias para a realização desta oficina foram pensadas em grupo, e acordadas de que seriam as mesmas para os diferentes eixos. Isso porque apesar de resultados e objetivos específicos, o grupo optou por trabalhar uma metodologia unificada, com intuito de que os participantes pudessem circular nos três blocos criados: Fluxos, Saneamento, Paisagem/Encontro, com a sensação de estar trabalhando uma mesma atividade.

Neste momento, por entender que seria preciso um amadurecimento no entendimento das diferenças entre os eixos paisagem/encontro, optamos por trabalhá-los juntos, representando um único bloco, facilitando a participação.

A primeira atividade foi a realização de um *brainstorming* (ou chuva de ideias). Esse método foi utilizado de forma inicial para que houvesse um “aquecimento” para as questões que iriam ser trabalhadas. Ou seja, acreditou-se que pensar, falar e ouvir (de diferentes pessoas) palavras aleatórias acerca de um determinado assunto podia nos ajudar na concentração e desempenho das atividades posteriores. Para a nossa surpresa, as pessoas tinham muito a falar sobre o bloco dos eixos paisagem/encontro. Listamos vinte e nove palavras e expressões que lhes vinham à cabeça quando estes nomes eram trazidos à tona.

Para melhor visualização e organização, abaixo estas palavras se encontrarão dispostas na tabela 2, onde seguem a ordem em que foram ditas:

Tabela 2 – Palavras do *brainstorming* dos eixos Paisagem/Encontro na 2ª oficina

1 Convivência	7 Violência	13 Patrimônio	19 Privado/Acesso	25 Ocupação
2 Estrutura	8 Requalificação	14 Terreiro	20 Áreas verdes	26 Espaço
3 Praça	9 Final de Linha	15 Ligação	21 Manutenção	27 Conjuntos Habitacionais
4 Campo de futebol	10 Barracas	16 Projetos	22 Manter/não perder	28 Disputa
5 Convergência	11 Ordenamento	17 Tombamento	23 Justiça	29 Desmatamento

6 Desordenado	12 Lazer	18 Funcionamento	24 Desapropriação	
------------------	-------------	---------------------	----------------------	--

Fonte: elaborada pela autora, com base na 2ª oficina, 2016.

Diante dos resultados, pôde-se perceber que este *brainstorming* não estava apenas relacionado ao o “aquecimento” dos participantes para as demais atividades, mas também nos traria a possibilidade de entender o sentimento da comunidade com seu espaço, sob a ótica da paisagem/encontro.

De forma inicial, é possível também relacionar estas palavras, dotadas de significados diversos, às categorias de análise geográfica de Santos (1978), previamente trazidas no item 4.0 deste trabalho: forma, função, estrutura e processo. No entanto, ressalta-se que esta relação entre as palavras resultantes deste *brainstorming* e as categorias de análise geográfica de Santos é uma tentativa da autora de entender este determinado espaço a partir do que se foi dito naquele momento. Portanto é possível que estas mesmas palavras pertençam à categoria diferente a que estará exposta abaixo, porque possam ter significados diferentes para outra pessoa.

Já como resultado desta análise, e sempre sob a perspectiva de entendimento do que é paisagem/encontro para a comunidade, nos quadrados em azul estão as palavras que representam a **forma**, o que se entende pelo aspecto visível, ao arranjo ordenado de objetos dispostos no espaço. As palavras que estão no quadrado rosa são as que representam a **função**, a atividade ou tarefa sociedade atribui a esta e os processos atribuídos à forma, que determina a função desta naquele momento. Nos quadros cinza estão as palavras que nos remetem à **estrutura**, que é o modo de organização. E, por fim, os quadros lilás que representam o **processo**, a acumulação de objetos e organizações do passado e as mudanças ocorridas no decorrer do tempo. Para fins de organização, abaixo segue a tabela 3 com as palavras dispostas sob identificação das categorias de análise geográfica:

Tabela 3 – Palavras do *brainstorming* nas categorias de análise geográfica

Forma	Função	Estrutura	Processo
Praça	Convivência	Estrutura	Convergência
Campo de futebol	Lazer	Desordenado	Violência
Final de Linha	Ligação	Patrimônio	Requalificação
Barracas	Funcionamento	Projetos	Ordenamento
Terreiro	Desapropriação	Privado/Acesso	Tombamento
Áreas verdes	Ocupação		Manutenção
Espaço	Disputa		Manter/não perder

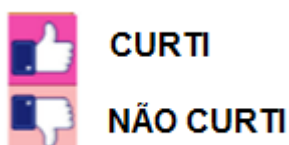
Conjuntos Habitacionais	Desmatamento		Justiça
-------------------------	--------------	--	---------

Fonte: elaborada pela autora, com base na 2ª oficina, 2016.

Desta tabela 3, podemos perceber ainda que, assim como traz Santos (1978), as categorias de análise são tão inseparáveis que, mesmo de maneira muito espontânea, através de um *brainstorming*, as palavras trazidas seguem uma divisão equilibrada.

A segunda atividade desta oficina tinha objetivo de demarcar, em uma ortofoto do bairro, os aspectos fortes e fracos de locais, ainda sob a perspectiva dos eixos paisagem/encontro. Ou seja, identificar naquela localidade quais eram os pontos que se destacavam por serem fortes, o que a comunidade “curtia” (portanto considerados como potencialidades) e os que se destacavam por serem fracos, o que a comunidade “não curtia” (considerados os desafios). A simbologia utilizada foi a de “curti” e “não curti”, com a cor rosa em tons claro e escuro (cor que representa o eixo Paisagem) (figura 16), da rede social Facebook, por entendermos que seria uma maneira de criar uma linguagem familiarizada aos participantes.

Figura 16 – Simbologia utilizada para determinar os pontos fracos e fortes



Fonte: Elaborado pelo grupo RAU+E Mata Escura, 2016.

Na medida em que houve a demarcação dos pontos (ver figura 17), onde participantes “curtiam” e “não curtiam” determinados lugares, iam surgindo rápidas explicações e comentários que justificavam aquelas escolhas. Por considerar estas informações importantes para o entendimento da área, optou-se por anotá-las e enumerar cada ponto apontado para uma posterior identificação.

Figura 17 – Registro fotográfico da atividade da oficina 2






Fonte: Acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.















Nesse sentido, alguns locais foram identificados como pontos fortes, sobretudo pela sua existência, e outros como pontos fracos, por diversos motivos. Assim, foi possível haver um levantamento quantitativo: os locais apontados pela comunidade, e qualitativo: as justificativas e comentários a respeito de alguns destes locais.

Ao total, foram 17 (dezessete) curti/não curti, sendo que 8 (oito) aspectos foram considerados fracos (não curti) e 9 (nove) aspectos foram considerados fortes (curti). No entanto aconteceu de um mesmo local ser apontado mais de uma vez: seja para demonstrar que este possui mais de uma característica forte (ou fraca), ou para observar que o local possui características tanto fortes como fracas. Ao total foram apontadas 12 (doze) localidades.

Para melhor visualização, segue abaixo a tabela 4 e a tabela 5 com estas informações organizadas:

Tabela 4 – Relação de localidades e justificativas das escolhas destas (oficina 2)

Localidades	Curti/não curti - justificativa
1) Campo de futebol – Calabetão	 Existência.
2) Campo de futebol - Nova Mata Escura	 Existência.  Falta de manutenção.

3) Praça Irmã Dulce	 Existência.
4) Campo de futebol – Próximo ao Bate-Folha	 Existência.
5) Horto Florestal	 Falta de acesso.
6) Campo de futebol – Próximo à rua Afeganistão	 Existência.  Falta de estrutura.  Local estratégico, porque está entre três bairros: Mata Escura, Calabetão e Jardim Santo Inácio.
7) Campo de futebol - Embasa	 Existência.  Bancos para sentar, local arborizado.  Falta de estrutura.
8) Fim de linha	 Desorganizado.
9) Praça Jardim Pampulha	 Agradável, ampla, arborizada e segura.
10) Ponto de ônibus – próximo à ACOPAMEC	 Inexistência.
11) Rua Direta	 O comércio local inviabiliza o encontro e dificulta o deslocamento.
12) Bate-Folha	 Fechado para entrada.

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Tabela 5 – Elementos qualitativos e quantitativos levantados na oficina 2

Elementos QUALITATIVOS – características inerentes aos espaços mencionados	Elementos QUANTITATIVOS – Foram 12 locais apontados, sendo eles:
Falta de manutenção;	5 Campos de futebol;
Falta de estrutura;	2 Pontos/Terminal de ônibus
Inacessibilidade;	2 Praças;
Falta de arborização;	1 Terreiro;
Desorganização;	1 Rua;
Agradabilidade;	1 Parque urbano.
Segurança;	
Local estratégico;	
Entre outros.	

Fonte: elaborada pela autora, 2016.

A partir deste levantamento pôde-se, ainda, conhecer as possíveis áreas disponíveis para atuação.

Com a realização desta atividade, foi possível alcançar o objetivo geral proposto: delimitar uma poligonal prévia da possível atuação dos eixos. Para os eixos paisagem e encontro, foi possível perceber que os locais apontados estão, basicamente, no entorno imediato da Rua Direta da Mata Escura e nas proximidades do Calabetão, como demonstra a figura 18.

Figura 18 – Delimitação prévia da poligonal de atuação dos eixos

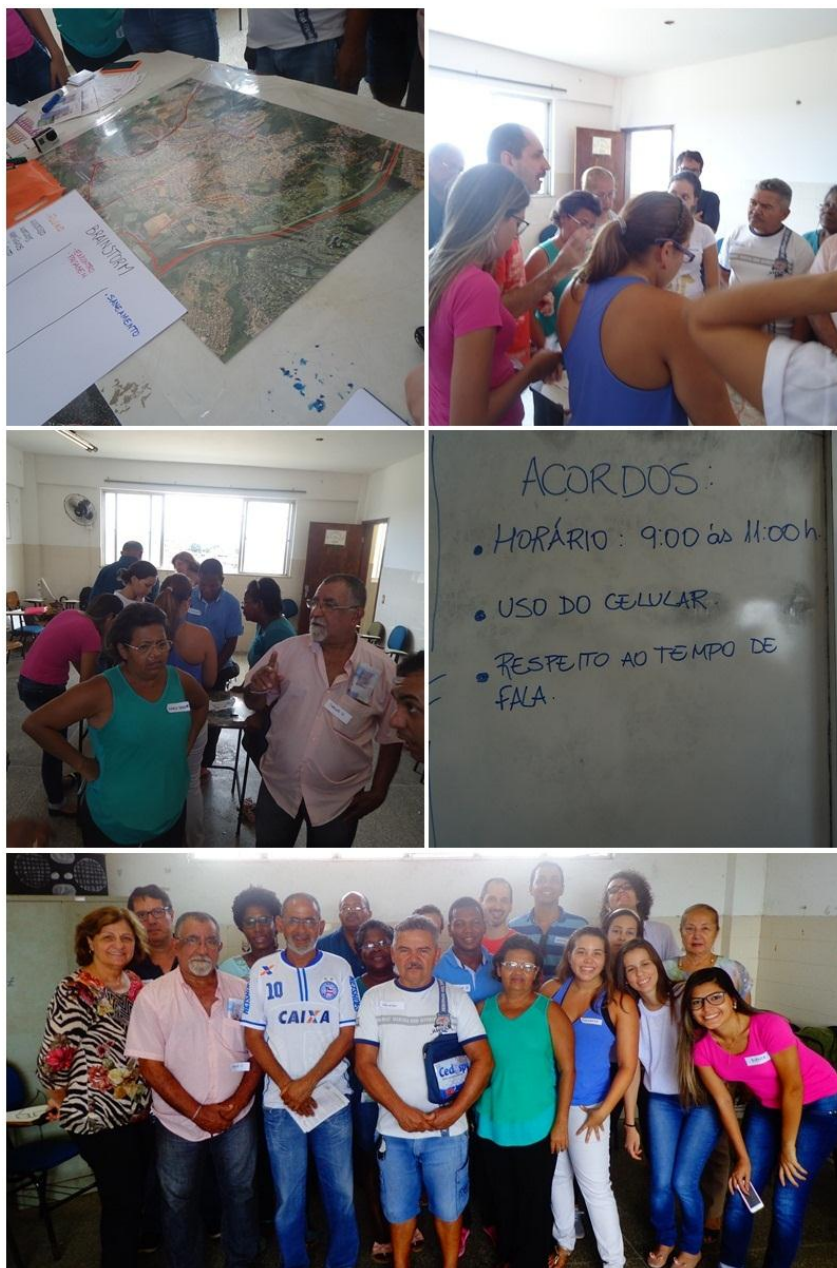


Fonte: Elaborado pela equipe RAU+E Mata Escura, com base na oficina 2, 2016.

Apesar de ter concluído a atividade com satisfação e ter alcançado o objetivo geral proposto de iniciar uma delimitação de atuação no espaço, além de outros objetivos específicos, foi-se percebido que a depender do público envolvido nesta atividade, seus resultados seriam diferentes. Isso porque pessoas de diferentes idades utilizam e se apropriam do espaço público de forma também diferente.

Por isso, e levando em consideração que o público dessa oficina foi adulto (ver figura 19), constatou-se que a próxima atividade deveria ser uma oficina com pessoas mais jovens: crianças e adolescentes que vivem na comunidade.

Figura 19 - Registro fotográfico da oficina 2 (reconhecimento do território por eixo)



Fonte: Acervo pessoal da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Oficina 3 – Chega Junto! + Oficina 3 (Aprofundamento das poligonais de atuação)

Data: 30 de março de 2016

Horário: 09h30 às 12h00

Local: Escola Estadual Marcia Meccia

Participantes: Equipe RAU+E Mata Escura; Alunos das Escolas Estadual Marcia Meccia e Municipal Maria Constança.

Essa oficina teve como objetivo principal aprofundar os eixos e a delimitação das poligonais através da visão dos jovens da Mata Escura.

Por isso, a realizamos com alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Marcia Méccia e, a fim de que houvesse uma maior representação da comunidade como um todo, foram convidados alguns alunos da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Constança.

Embora tenha tido um bom resultado, houve, por parte da autora, a percepção de que na oficina anterior os participantes tiveram certa dificuldade em pensar no aspecto “paisagem” dentro da sua comunidade – em seus espaços públicos. Nesse sentido, um dos desafios desta oficina era, de forma inicial, trazer alguns elementos para impulsionar a discussão.

Após a apresentação do grupo RAU+E Mata Escura, pedimos que todos os alunos presentes formassem cinco grupos: cada grupo trabalharia com um eixo diferente. Apresentamos os eixos de forma rápida, mas percebeu-se que os grupos foram divididos por questões de afinidade pessoal e não por afinidade com o tema do eixo.

Alguns grupos tinham mais alunos e outros menos, mas a média foi entre cinco e dez alunos por eixo de atuação. No eixo paisagem havia cinco alunos. Sentamos ao redor da mesma ortofoto utilizada na oficina 2 deste trabalho e nos apresentamos.

No momento em que houve a apresentação da autora, buscou-se apresentar também o eixo paisagem de forma superficial, para não influenciar as respostas da primeira conversa, onde se buscava entender o que aqueles jovens entendiam por paisagem.

A primeira atividade, portanto, iniciou-se com um *brainstorming* (já explicada no item que antecede essa oficina), onde os alunos falaram de forma aleatória o que eles entendiam por ser paisagem no espaço público. Em um primeiro momento, uma aluna falou de forma imediata que paisagem era “aquilo que a gente podia ver na rua”. O grupo concordou com esse argumento e passou a exemplificá-lo. As palavras ditas nesta atividade seguem abaixo dispostas na tabela 6, onde seguem a ordem em que foram ditas:

Tabela 6 - Palavras do *brainstorming* do eixo Paisagem na 3ª oficina

1 Aquilo que a gente podia ver na rua	4 Verde	7 Encontrar amigos	10 Fim de linha
---	------------	-----------------------	--------------------

2 Praça	5 Árvores	8 Conversar	11 Bate-Folha
3 Campo de futebol	6 Colégio	9 Shopping	

Fonte: elaborado pela autora, com base na oficina 3, 2016.

Foi interessante perceber que mesmo sem uma descrição prévia do que a autora considera paisagem, em um dado momento os alunos passaram a descrever a paisagem de um espaço para além do seu aspecto físico. De forma muito espontânea, eles consideraram que paisagem contempla também as relações entre as pessoas e o meio físico, como: conversar e encontrar amigos.

Outro aspecto analisado é que algumas palavras ditas por estes jovens, nesta oficina 3, também foram ditas pelo grupo de adultos na oficina 2, conforme seguem abaixo dispostas na tabela 7:

Tabela 7 - Palavras repetidas no *brainstorming* das oficinas 2 e 3

Praça	Campo de futebol	Verde	Fim de Linha
-------	------------------	-------	--------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

As palavras que não foram repetidas igualmente, mas que expressam ideias similares foram estas que seguem abaixo dispostas na tabela 8:

Tabela 8 - Palavras repetidas no *brainstorming* das oficinas 2 e 3

Palavras que expressam ideias similares	Oficina 2 (adultos)	Oficina 3 (jovens)
	Terreiro	Bate-Folha
	Convivência	Conversar Encontrar amigos

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

O que se pode notar é que apesar de cada indivíduo participante destas oficinas, ter a sua própria percepção de imagem daquela localidade e, ainda, pertencer a agrupamentos diferentes (com relação à média de idade), existe uma imagem comum entre o grupo total (moradores do bairro) a respeito daquele espaço, a chamada por LYNCH (1980) "imagem pública". Para Lynch (1980):

“Cada individuo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo. São estas imagens de grupo, mostrando consenso (...) que interessam aos planejadores de cidades aspirantes a um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar. (...) É assim que este estudo terá a tendência de passar por cima das divergências individuais. (...) O primeiro conjunto de assuntos será aquilo a que poderemos chamar as “imagens públicas”, as figuras mentais comuns” (LYNCH, 1980, p.17)

Por tanto, foi possível ter uma ideia prévia do que representa paisagem para os participantes destas duas oficinas, além de conhecer quais seriam algumas das “imagens públicas” do bairro.

Após o *brainstorming*, a segunda atividade desta oficina foi uma roda de conversa. Este caminho metodológico, a roda de conversa, foi adotado por acreditar-se que esta comunicação dinâmica entre os agentes poderia impulsionar uma aproximação (MELO & CRUZ, 2014).

Na roda de conversa muitos assuntos ligados à utilização dos espaços públicos foram levantados. No entanto, diante dos comentários recorrentes de que naquela comunidade não existiam suficientes espaços para convívio e, ainda, que os espaços que existiam eram degradados, e por isso não se tinha vontade de estar neles, a questão levantada que teve maior repercussão foi: “Se os espaços daqui do bairro, os pequenos espaços públicos fossem “mais agradáveis” e “melhores”, vocês iriam utilizá-lo mais para encontros, conversas, etc?”.

Essa questão, que logo terá seu desenrolar mostrado adiante, foi levantada pela autora por acreditar-se que existe uma estreita ligação entre o uso do espaço público e a qualidade deste. Como aponta Jan Gehl (2013), o aspecto físico pode influenciar imensamente o padrão de uso em áreas urbanas específicas. Portanto, acredita-se que pessoas no espaço público é uma questão de convite do próprio espaço (GEHL, 2013).

Sob essa perspectiva vale ainda ressaltar que, como observado por Gehl (2013), algumas atividades são obrigatoriamente necessárias no dia-a-dia das pessoas e não dependem da qualidade do espaço: ir à escola, ir ao trabalho, ir ao ponto de ônibus, ir comprar pão, entre outras. As demais, que não são obrigatórias, são as que sofrem influência direta pela qualidade do meio físico. Gehl (2013) ilustra esta relação entre a qualidade do ambiente físico e sua utilização de acordo com os tipos de atividade, como mostra a figura 20.

Figura 20 - Representação gráfica da relação entre a qualidade do ambiente físico sua utilização



Fonte: Gehl, 2013.

Voltando à questão que teve repercussão na roda de conversa (valendo a retomada): “Se os espaços daqui do bairro, os pequenos espaços públicos fossem “mais agradáveis” e “melhores”, vocês iriam utilizá-lo mais para encontros, conversas, etc?”, percebeu-se que de imediato a resposta foi positiva. Os participantes deram exemplo de outros locais públicos (fora do bairro) que eles utilizam com certa frequência. No entanto, logo surgiu outro fator que influenciaria na utilização destes espaços públicos na Mata Escura: o sentimento de insegurança que eles possuem nestes locais. Este seria, portanto, mais um desafio descoberto com esse trabalho.

Para fortalecer a questão das imagens públicas, e, por tanto analisar o que se tinha de imagem comum da comunidade para os jovens desta oficina e os adultos da oficina 2, a terceira atividade desta oficina 3 foi localizar na ortofoto os pontos marcantes para aquela comunidade (ver figura 21) a partir do mesmo processo de curti/não curti já explicado na oficina anterior.




Figura 21 – Registros da atividade da oficina 3














Fonte: Acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

De forma similar ao que ocorreu na oficina 2, no momento em que estes jovens iam localizando os pontos marcantes, iam surgindo diversos comentários qualitativos a respeito destes locais. Estas informações levantadas capazes de dimensionar os aspectos qualitativos e quantitativos estão dispostas abaixo, na tabela 9.

Tabela 9 – Relação de localidades e justificativas das escolhas destas (oficina 3)

Localidades	Curti/não curti - justificativa
1) Praça do Jardim Pampulha	 Agradável.  Iluminação ruim.
2) Campo de futebol – Santa Edwrigens	 Existência.
3) Campo de futebol - Nova Mata Escura	 Existência.
4) Estação Pirajá	 Existência.

5) Praça – Jardim Santo Inácio	 Falta de estrutura.
6) Cesta de basquete – Escola Municipal Maria Constança	 Bem localizado.  Falta de estrutura.
7) Rua 1º de janeiro	 Bom lugar para conversar.
8) Rua do Bate-Folha	 Sombra  Feia, desorganizada, barracas  Lixo
9) Rua São Júlio (Pampulha)	 Agradável e arborizada.  Falta iluminação.
10) Ponto de ônibus - Rua Direta	 Poderia ter árvores.
11) Fim de Linha	 Inseguro.

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Ao total, foram 16 (dezesseis) curti/não curti, sendo que 8 (oito) aspectos foram considerados fracos (não curti) e 8 (oito) aspectos foram considerados fortes (curti). Ao total foram apontadas 11 (onze) localidades. Estas informações encontram-se de maneira organizadas na tabela 10.

Tabela 10 – Elementos qualitativos e quantitativos levantados na oficina 3

Elementos QUALITATIVOS – características inerentes aos espaços mencionados	Elementos QUANTITATIVOS – Foram 11 locais apontados, sendo eles:
Boa localização;	3 Equipamentos esportivos;
Falta de estrutura;	3 Pontos/Terminal de ônibus

Falta de beleza na rua;	2 Praças;
Ausência de arborização;	3 Ruas.
Presença de arborização;	
Iluminação insuficiente;	
Agradabilidade;	
Insegurança;	
Lixo em local inadequado;	
Barracas inseridas em local inadequado;	
Entre outros.	

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Sobrepondo os resultados - desta mesma atividade - das oficinas 2 e 3, pudemos perceber que há uma correlação das palavras ditas nos *brainstormings* com a sua representação dentro do bairro, através das suas “imagens públicas”. De fato as palavras repetidas (praça, campo de futebol, verde, fim de linha e terreiro) foram identificadas através das localidades em comum apontadas nas oficinas. Para melhor visualização, abaixo na figura 22 segue a relação destas localidades em comum, que estão destacadas por cores.

Figura 22 – Localidades em comum das oficinas 2 e 3

Localidades – OFICINA 2	Localidades – OFICINA 3
1) Campo de futebol – Calabetão	1) Praça do Jardim Pampulha
2) Campo de futebol - Nova Mata Escura	2) Campo de futebol – Santa Edwigens
3) Praça Irmã Dulce	3) Campo de futebol - Nova Mata Escura
4) Campo de futebol – Próximo ao Bate-Folha	4) Estação Pirajá
5) Horto Florestal	5) Praça – Jardim Santo Inácio
6) Campo de futebol – Próximo à Rua Afeganistão	6) Cesta de basquete – Escola Municipal Maria Constança
7) Campo de futebol - Embasa	7) Rua 1º de janeiro
8) Fim de linha	8) Rua do Bate-Folha
9) Praça Jardim Pampulha	9) Rua São Júlio (Pampulha)
10) Ponto de ônibus – próximo à ACOPAMEC	10) Ponto de ônibus - Rua Direta
11) Rua Direta	11) Fim de Linha
12) Bate-Folha	

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Vale trazer à tona que com o bom envolvimento e interesse da equipe com a temática, foi criado um grupo no aplicativo WhatsApp (ver figura 23) para tratar especificamente do eixo paisagem. Esse espaço serviria para que os participantes pudessem enviar fotos das localidades apontadas, tirar dúvidas e conversar sobre o desenvolvimento do projeto a ser elaborado, trocar informações como, por exemplo, data para a realização das próximas atividades, entre outros, além de aproximá-los ao processo de desenvolvimento do estudo.

Figura 23 – Grupo criado com alunos da oficina para discussão sobre Paisagem na Mata Escura



Fonte: acervo pessoal da autora, 2016.

A partir do encerramento destas atividades realizadas pôde-se perceber que já haveria elementos suficientes para iniciar o estudo que nos levaria às diretrizes que serão propostas neste trabalho. No entanto, considerou-se importante haver um momento de validação, um retorno da comunidade para o seguimento das próximas etapas. Por tanto, a próxima oficina deveria ser a apresentação de um diagnóstico parcial.

Figura 24: Oficina 3 – Aprofundamento das poligonais de atuação



Fonte: acervo da equipe RAU+E MATA Escura, 2016.

Oficina 4 – Chega Junto! + Oficina 4 (Apresentação do diagnóstico parcial)

Data: 07 de abril de 2016

Horário: 09h30 às 12h00

Local: Sede da ACOPAMEC

Participantes: Equipe RAU+E Mata Escura; Lideranças e moradores da Mata Escura.

Essa oficina teve como objetivo principal a apresentação do diagnóstico parcial dos eixos e validação das áreas de atuação com a comunidade.

Considerando-se a importância da metodologia de construção participativa, as contribuições e o aval dos representantes da comunidade eram imprescindíveis para validação das atividades até então desenvolvidas e definição dos os projetos individuais produtos, principalmente no que se refere a poligonal de intervenção dos trabalhos a serem desenvolvidos por eixos de temático.

Como já mencionado no item 3.2 deste trabalho, os eixos paisagem, encontros, saneamento e fluxos foram direcionados a trabalhar sob uma mesma poligonal de atuação, no entorno imediato da Rua Direta. Essa delimitação se deu para que houvesse um maior aprofundamento sobre as questões desta localidade. Nesse sentido, cada eixo expôs aos presentes todos os resultados já obtidos até o momento.

O eixo paisagem apresentou (ver figura 25) sobre todas as oficinas realizadas anteriormente e os seus resultados: os possíveis pontos que serão estudados de forma mais profunda (ver oficina 3), dentro da poligonal de atuação do grupo: o entorno imediato da Rua Direta. Além disso, foram-se apresentadas as considerações sobre o que se tinha percebido através do olhar dos participantes e das visitas técnicas que foram realizadas concomitantemente às atividades.

Figura 25 – Registro da apresentação do eixo Paisagem na oficina 4



Fonte: Acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

De maneira geral, os participantes desta oficina puderam ter acesso ao que estava sendo estruturado pelo eixo e aprovaram seu conteúdo. Foi-se acordado que este eixo trabalharia com alguns espaços públicos da área geral de atuação da equipe RAUE+ Mata Escura, que foi previamente delineando pelas oficinas anteriores.

Outro momento importante foi que alguns deles se comprometeram a auxiliar os eixos nas visitas de campo, compactuando algumas datas para realizá-las.

Registro fotográfico:

Figura 26 – Oficina 4 - Apresentação do diagnóstico parcial



Fonte: acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Oficina 5 – Chega Junto! + Oficina 5 (Acompanhamento da comunidade por eixo)

Data: 12 de maio de 2016

Horário: 09h30 às 12h00

Local: Sede da ACOPAMEC

Participantes: Equipe RAU+E Mata Escura; Lideranças e moradores da Mata Escura; Representantes do Projeto TBC (UNEB).

Da oficina 4, ocorrida no mês de abril, para esta oficina 5, algumas visitas guiadas foram realizadas. Além disso, este período representou um momento em que os eixos começaram a investigar de forma específica algumas questões inerentes a estes (e não mais de uma forma geral, de toda a equipe).

Com intuito de estar sempre trazendo à tona os resultados, e, decidindo, de forma coletiva, os próximos passos de cada eixo, essa oficina teve como objetivo principal o acompanhamento da comunidade em relação aos estudos, mesmo que se tratasse de uma fase de análise técnica.

Ao lembrarmos as oficinas 2 e 3, pudemos perceber que houve uma indicação da comunidade e da ACOPAMEC para que se fosse trabalhado principalmente áreas próximas à Rua Direta/Fim de Linha e, pontualmente, algumas áreas próximas ao Calabetão (Figura 27).

Figura 27 – Manchas das demarcações espaciais das oficinas 2 e 3

Oficina 2 - Demarcação espacial das áreas apontadas



Oficina 3 - Demarcação espacial das áreas apontadas



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Esta oficina (ver figura 28) foi marcada pela decisão do eixo encontros, de forma coletiva com os presentes, de trabalhar com o campo do Calabetão, propriedade da ACOPAMEC. Desde o início, quando os eixos paisagem e encontro foram apresentados juntos, estes foram impulsionados, a partir das atividades de demarcação espacial de espaços públicos, a atuar sob algumas manchas de áreas próximas ao Calabetão e à Rua Direta da Mata Escura/Fim de linha. Assim sendo, uma vez definida a atuação do eixo Encontro, e, com os resultados outros das oficinas realizadas anteriormente, o eixo paisagem pôde assumir a

sua área de atuação com os pontos levantados, através das oficinas, no entorno imediato à Rua Direta.

Figura 28 - Registro de apresentação da oficina 5



Fonte: acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Figura 29 – Registro fotográfico do acompanhamento da comunidade por eixo



Fonte: acervo da equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Oficina 6 – Chega Junto! + Oficina 6 (Pontos focais de estudo)

Data: 20 de setembro de 2016

Horário: 09h30 às 12h30

Local: Colégio Estadual Márcia Méccia

Participantes: Eixos Paisagem e Saneamento; Alunos da Escola Estadual Márcia Méccia.

Próxima à finalização do estudo, essa oficina teve como objetivo principal a discussão sobre os pontos focais que seriam trabalhados, os espaços públicos (imagens públicas) apontados em oficinas anteriores. Participaram da oficina 16 (dezesseis) alunos da Escola Estadual Márcia Méccia (ver figura 30), das séries: 8ª série do ensino fundamental, 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, do turno da manhã, com a média de idade entre 15 e 20 anos.

Figura 30 – Alunos da Escola Márcia Méccia na oficina 6



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2016.

Antes de iniciar-se a apresentação, foi entregue um questionário (ver anexo 4 aos presentes, para que eles respondessem, sem nenhum tipo de influência da apresentação, as questões trazidas. Ao total foram oito perguntas, algumas para entender de eles vinham, o que eles entendiam de paisagem, características necessárias para uma rua ser agradável, dentre outras, como segue abaixo. No intuito de alcançar um maior número de respostas, esse questionário foi aplicado também para os 17 (dezessete) alunos do turno da tarde que participaram da oficina do eixo Saneamento. Portanto, nosso universo deste questionário é de 33 (trinta e três) alunos.

A primeira questão, para descrever o que os participantes entendiam com como paisagem, foi a questão inicial trazida para que eles pensassem sobre a temática que seria abordada em uma próxima atividade. Sobre paisagem, eles responderam (ver tabela 11):

Tabela 11 – Respostas da 1ª pergunta do questionário – Oficina 6: “O que você entende como paisagem?”

<p>Caroline dos Santos 8ª série</p> <p>“Paisagem é uma coisa que vemos e admiramos”</p>	<p>Laila Santos 1º ano</p> <p>“Nada”</p>	<p>George Nascimento 1º ano</p> <p>“Um jardim as vezes localizado em áreas legais e não perigosas, um parque”</p>	<p>Orlando Santos 2º ano</p> <p>“Uma vista de várias árvores em determinada região ou campos”</p>
<p>Felipe da Encarnação 8ª série</p> <p>“Um lugar belo, lindo, limpo e sem poluição”</p>	<p>Michele Lorena 1º ano</p> <p>“As árvores”</p>	<p>Evelly Vitória 1º ano</p> <p>“Tudo o que possamos ver ao alcance dos olhos”</p>	<p>Andreza Carvalho 3º ano</p> <p>“Serenos, florido”</p>
<p>Rebeca Cardoso 8ª série</p> <p>“Tudo o que se vê em todos os lugares”</p>	<p>Jadson França 1º ano</p> <p>“Tudo aquilo que conseguimos enxergar”</p>	<p>Edilson Santos 1º ano</p> <p>“Paisagem é um luar tranquilo, pra ficar de boa, pra me distrair”</p>	<p>Raquel Santos 3º ano</p> <p>“Algo lindo, ou que me mostre um ótimo ambiente”</p>
<p>Gabriel 8ª série</p> <p>“O lugar limpo, sem poluição. Tudo de bom”</p>	<p>José Henrique 1º ano</p> <p>“O mercado Modelo e o Elevador Lacerda”</p>	<p>Cristiano 1º ano</p> <p>“Nada”</p>	<p>Renata Santos 3º ano</p> <p>“Um lugar com vista agradável que traga conforto e segurança”</p>
<p>Gracieli da Silva 8ª série</p> <p>“Paisagem pra mim é um lugar lindo e com muitas flores”</p>	<p>Genilson Pereira 1º ano</p> <p>“Um local com várias coisas legais, com várias perfeições”</p>	<p>David Nascimento 1º ano</p> <p>“Algo que você ver de bonito ou diferente. Uma paisagem do sol refletindo a água, por exemplo”</p>	<p>Vitória Barbosa 3º ano</p> <p>“Nada”</p>

Lorraine Rocha 8ª série “Paisagem é coisa bonita, tudo limpo e tudo arrumado”	Breno de Assunção 1º ano “É tudo aquilo que compõe o ambiente”	Samuel Silva 1º ano “O que se vê em todos os lugares”	Jean Lins 3º ano “Lugar calmo com visão legal”
Luan Santos 8ª série “Acho que um ambiente limpo, natural”	Jeferson Queiroz 1º ano “Paisagens são imagens estruturadas que retrata a natureza e o meio ambiente nas ruas da nossa cidade”	Matheus Calmon 2º ano “Um ambiente conservado ou natural”	
Isabela Santos Silva 1º ano “Não sei”	Renato Jorge 1º ano “Paisagem é algo que vejo. Exemplo: tou na laje e vejo minha favela linda”	Uendel Junior 2º ano “É tudo aquilo que compõe o ambiente”	
Erica Santos 1º ano “Entendo que precisamos da paisagem para ter uma visão melhor do nosso bairro”	Ana Guimarães 1º ano “Paisagem pra mim tem bem longe da Mata Escura”	Fernando Pereira 2º ano “Uma imagem de ar livre natural”	

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

A segunda e a terceira questão, “você mora perto da sua escola?” e “quanto tempo você gastar para chegar até a escola?”, respectivamente, foram para entender a noção de distância dos participantes. Isso porque existe a distância física percorrida e a distância e a distancia física percebida. Para Gehl (2010), se o caminho for agradável, se houver atrativos visuais no percurso, é transmitida ao pedestre a sensação de que a caminhada foi menor do que de fato foi.

Dos trinta e três alunos, dezesseis responderam que moram próximo à Escola Marcia Méccia e dezessete responderam que moram distante. Dos que responderam que não moram próximo, a maioria mora a vinte minutos da escola, e todos moram entre dez minutos e trinta minutos ou mais, conforme tabela 12 abaixo.

Tabela 12 – Relação de alunos que não moram próximos à escola e o tempo de deslocamento diário até esta

Tempo (em minutos)	Quantidade de alunos
5	0
10	5
15	3
20	7
30 ou +	2

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

E os que responderam que mora próximo à escola, a maioria mora a cinco minutos desta. E o tempo que eles gastam varia entre cinco e vinte minutos, conforme tabela 13 abaixo.

Tabela 13– Relação de alunos que moram próximos à escola e o tempo de deslocamento diário até esta

Tempo (em minutos)	Quantidade de alunos
5	7
10	5
15	3
20	1
30 ou +	0

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Levando em consideração que os alunos moram dentro do bairro, conforme percebido através deste questionário, e, ainda, que se é enfrentado diariamente a topografia acidentada da localidade, através das escadarias, ladeiras, rampas, entre outros, para que se chegue ao destino final, podemos considerar que vinte minutos, que foi o tempo relacionado ao local “distante”, poderia ser minimizado caso houvesse maior prazer ao se realizar determinados trajetos, além da infraestrutura adequada.

Após o questionário, foi realizada a atividade “potenciais x desafios”, que teve três etapas: na primeira, as pessoas deveriam apontar em que localidade (bairro ou ponto de referência) estava aquela paisagem. A atividade foi iniciada com um ponto marcante de Salvador, considerado cartão postal da cidade, o Farol da Barra. Essa é uma paisagem que facilmente as pessoas reconheceriam.

Desta forma aconteceu: imediatamente os participantes identificaram aquele local e deram várias características que seriam enquadradas como “potenciais”. Nenhuma característica enquadrada como desafios foi dita, por isso e para impulsionar o olhar crítico, a autora fez

referências a alguns desafios que poderiam ser vistos com aquela imagem. Na imagem não havia sombra, por exemplo, não haviam pessoas caminhando, dentre outros aspectos.

O trecho da Barra foi escolhido por se tratar de uma localidade facilmente reconhecida da cidade, é uma “imagem pública” para todo o município. No entanto, esta área possui aspectos socioeconômicos e investimentos públicos diferentes da Mata Escura. Por isso, procurou-se que os próximos exemplos fossem aproximados à realidade daquela localidade.

Assim, foi feita uma atividade com uma escadaria, localizada no bairro de Brotas, em Salvador. A escadaria, que recentemente passou por uma reforma, era um local de pouco uso e convívio, estava em estado de degradação, escura e com os resíduos sólidos sem acondicionamento adequado. Esse exemplo (figura 31) foi trazido para que os participantes enxergassem que em muitos momentos é difícil enxergar os potenciais de uma localidade sem estrutura e tratamento paisagístico.

Figura 31 – Atividade potenciais x desafios – Escadaria em Brotas, Salvador



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Escadaria em Brotas



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

No entanto, quando a mesma localidade apresentada recebe um tratamento no seu espaço físico, podemos enxergar os potenciais de convívio para esta.

Assim, portanto, os alunos entenderam o propósito da atividade e se deu início a análise dos pontos focais dentro do bairro, as imagens públicas, anteriormente apontadas em oficinas.

Vale salientar que esta oficina ocorreu após as visitas de campo e análise técnica de espaços com potencial de intervenção e ainda que a partir das respostas, foi possível pensar nos padrões identificados de elementos dos espaços e nas diretrizes para intervenções.

Registro fotográfico:

Figura 32 – Pontos focais de estudo – oficina 6

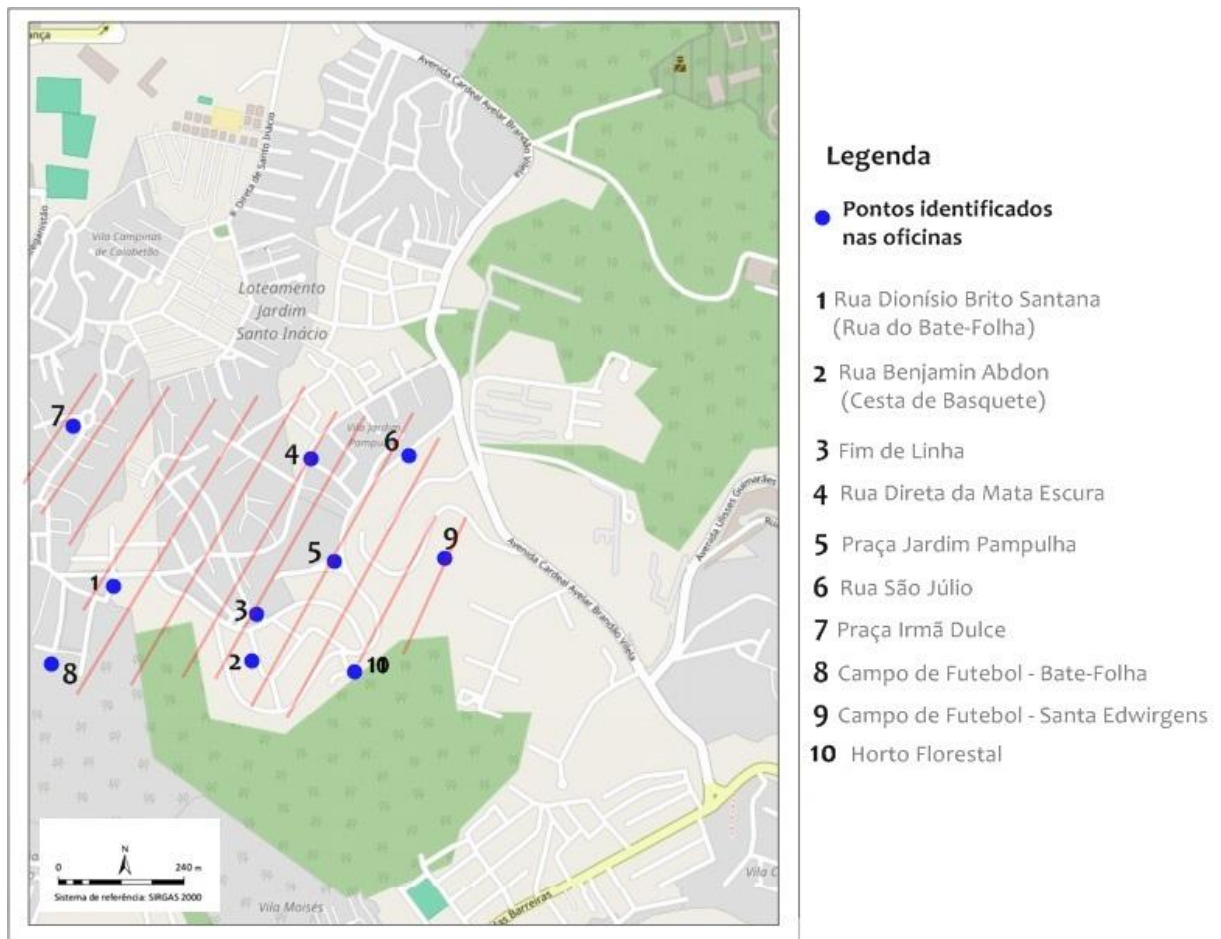


Fonte: acervo pessoal, 2016.

4.3 Diagnóstico

Este item representa o momento da análise técnica para além de toda análise realizada em cada oficina. As atividades realizadas tornaram possível a identificação das imagens públicas, as paisagens marcantes para a comunidade (ver figura 33), dentro da mancha de atuação deste eixo.

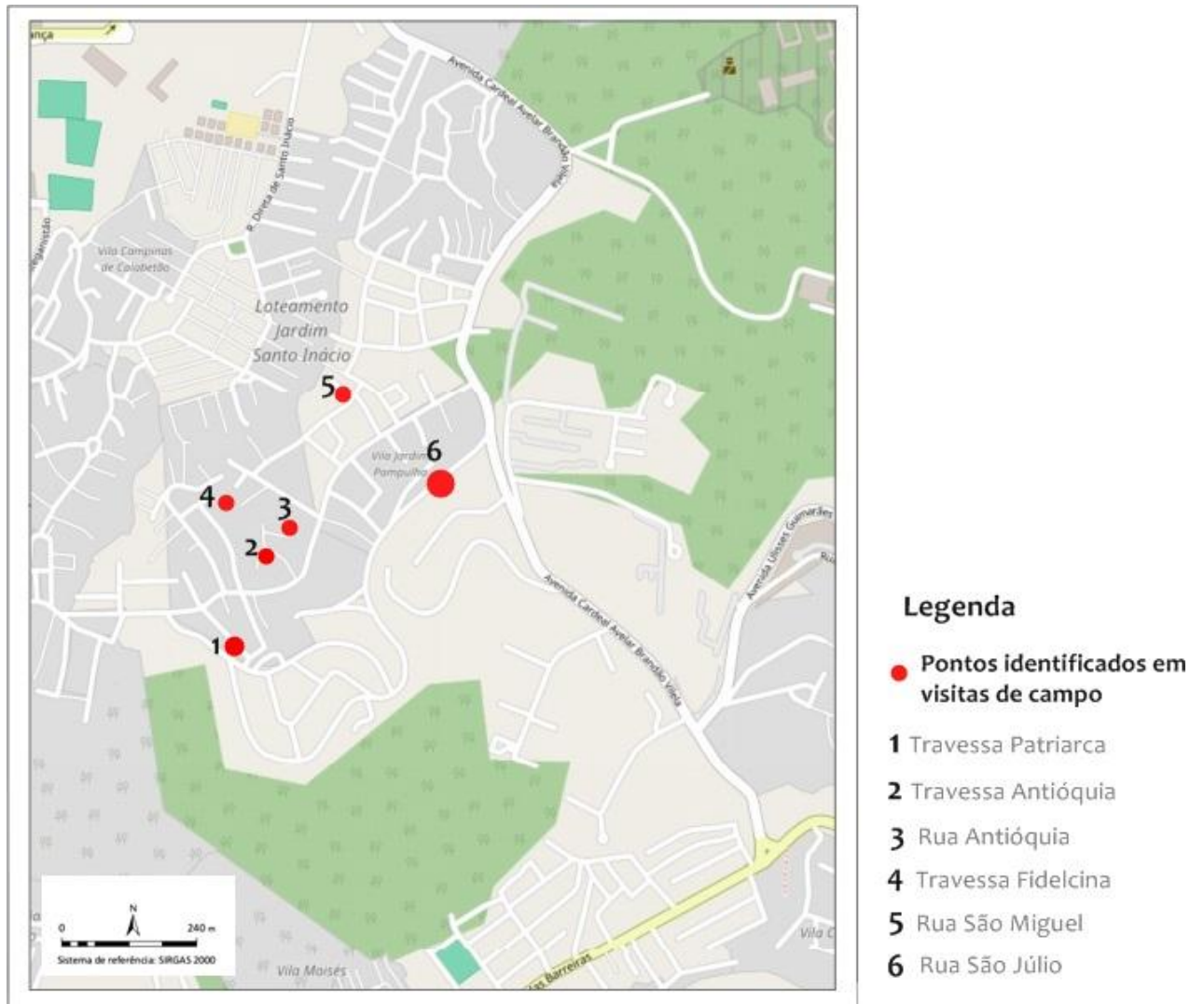
Figura 33 - Locais identificados pela comunidade nas oficinas



Fonte: elaborado pela autora, 2016, com base no INFORMS – CONDER.

Juntamente às visitas em campo, onde se foi possível identificar outros locais com potencialidade de intervenção (seja pelo aspecto físico ou pela forma de utilização do espaço) (ver figura 34), houve a definição dos pontos a serem mais estudados na Mata Escura, sob o aspecto da paisagem em espaços públicos.

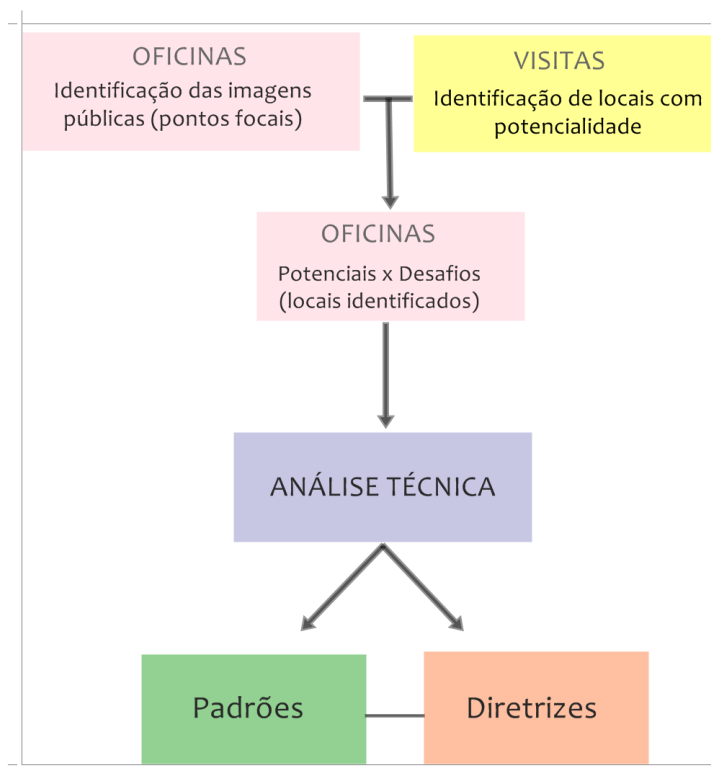
Figura 34 - Locais com potencial de intervenção identificados em visitas de campo



Fonte: elaborado pela autora, 2016, com base no INFORMS – CONDER.

A partir da sobreposição entre os locais levantados pelas oficinas, dentro da mancha de atuação previamente definida, e os locais observados através das visitas em campo, foi possível identificar os pontos focais de estudo. A partir destes locais definidos, realizaram-se atividades de avaliação destes, para então identificar padrões de elementos da comunidade e estabelecer diretrizes de intervenções, conforme esquema ilustrado na figura 35 abaixo.

Figura 35 – Processo realizado para identificação de padrões e diretrizes de intervenções



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Vale ressaltar que para além da sobreposição de mapas, os pontos focais que foram estudados, e que veremos no próximo item, foram definidos também a partir do que se foi considerado “imagens públicas” da Mata Escura, conforme item 4.2 deste presente trabalho. Para análise do espaço, levaremos em consideração tantos os aspectos levantados na oficina 6, com a atividade de potenciais e desafios, o que representa a visão de moradores do bairro, quanto uma análise sobre o espaço segundo os critérios de avaliação para a qualidade do espaço com respeito à paisagem do pedestre, de Jan Gehl (2013), além de outros aspectos técnicos.

Gehl (2013) acredita que o espaço público para ser bom, ele deve obedecer a 12 critérios:

- 1) Proteção contra o tráfego e acidentes – sensação de segurança;
- 2) Proteção contra o crime e a violência – sensação de segurança;
- 3) Proteção contra experiências sensoriais desconfortáveis;
- 4) Oportunidades para caminhar;
- 5) Oportunidades para permanecer em pé;
- 6) Oportunidades para sentar-se;
- 7) Oportunidades para ver;
- 8) Oportunidades para ouvir e conversar;
- 9) Oportunidade para praticar atividade física;
- 10) Escala;
- 11) Oportunidades de aproveitamos os aspectos positivos do clima;
- 12) Experiências sensoriais positivas.

Esses 12 critérios podem, ainda, ser agrupados em três blocos (ver figura 36): proteção, prazer e conforto. Por tanto, considera-se esses três fatores ao realizar a avaliação dos espaços públicos da Mata Escura.

Figura 36 – Blocos com os aspectos essenciais para avaliação da qualidade do espaço com respeito à paisagem urbana



Fonte: elaborado pela autora com base em Gehl (2013), 2016.

Quanto às localidades definidas, houve uma preocupação em respeitar o que se percebeu de importante para os moradores da Mata Escura, o que determinados espaços significavam (mais do que sua localização, nome, ponto de referência). Por exemplo, em diversos momentos, quando se falou em espaço público e sua paisagem, os moradores apontaram muitos campos de futebol e isso demonstrou que os equipamentos esportivos são importantes na configuração dessa comunidade.

Na oficina 6, quando perguntados sobre o espaço público que os participantes mais gostavam dentro do bairro, 36% dos participantes responderam que eram as quadras, 36% responderam que não existiam espaços públicos na comunidade, 15% responderam que eram as praças e 13% as ruas.

Ao relembramos a Tabela 8 (Palavras repetidas no *brainstorming* das oficinas 2 e 3), percebemos que são esses espaços que foram sendo delimitados desde o início: equipamentos esportivos, praça, rua e áreas verdes.

Por tanto, os pontos definidos (ver figura 37) seguem esta lógica.

Figura 37 – Localização dos locais definidos para estudo



Fonte: Elaborado pela autora com base no INFORMS (CONDER), 2016.

Para entendermos a relação entre os locais escolhidos e as tipologias adotadas:

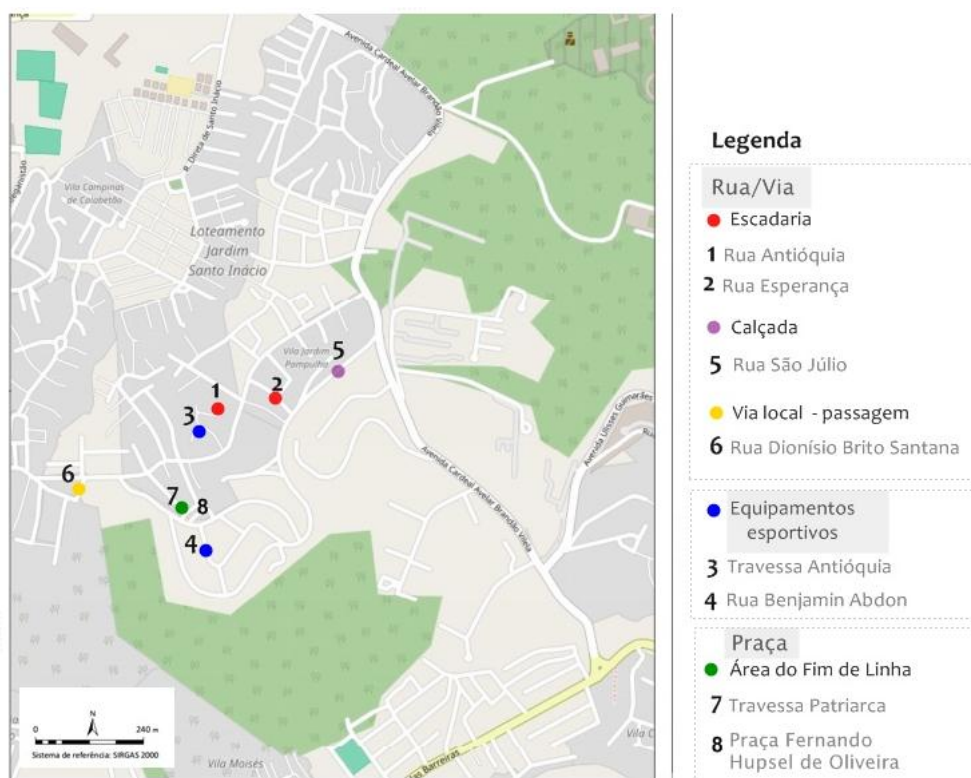
- **Equipamentos esportivos –**
 - Campo localizado próximo à Travessa Antióquia.
 - Cesta de basquete localizado na Rua Benjamin Abdon, ao lado da Escola Municipal Maria Constança.

- **Praça –**
 - A área do fim de linha possui uma Praça, a Fernando Hupsel de Oliveira, engloba ruas de ligação e é um importante ponto de fluxo do bairro. Por ter aparecido como um local de referência, essa área será trabalhada ora como uma área de praça, ora como rua (via local) que faz ligação entre o Fim de Linha e a Rua Direta da Mata Escura (vias: Travessa Patriarca e Vila Haiti).

- **Rua/ via –**
 - Escadaria – Escadarias fazem parte dos deslocamentos diários dos moradores do bairro, repetindo-se em diversos locais, devido à topografia acidentada da Mata Escura. As escadarias que serão mostradas serão as das Ruas Esperança e Antióquia. No entanto, ressalta-se que as diretrizes de intervenção poderão ser replicadas em outras.
 - Calçada – A Rua São Julio, localizada no Pampulha, foi uma via que se destacou pelo potencial físico que possui e, no entanto, pelo pouco uso pela comunidade. Nesta Rua, destaca-se o uso das calçadas, uma vez que o eixo Fluxos trabalhará mais especificamente com a via de automóveis.
 - Via local – A Rua do Bate-Folha, Rua Dionísio Brito Santana, possui questões emblemáticas e representa uma via local de passagem que pode ser ter a dinâmica modificada em função de pequenas intervenções na forma. Além disso, esta rua contempla o verde do terreiro do Bate-Folha.

Abaixo segue as localizações destes pontos no mapa, conforme figura 38.

Figura 38 – Localização dos pontos focais e suas tipologias adotadas



Fonte: Elaborado pela autora, com base no INFORMES (CONDER), 2016.

4.4. Padrões identificado na comunidade e diretrizes

Uma vez identificadas as localidades e agrupadas em tipologias, as analisaremos e iremos propor diretrizes de intervenções nestas.

- **Área do Fim de linha**

O fim de linha da Mata Escura é um local que existe uma movimentação muito grande de pessoas porque é um espaço de transbordo, onde os ônibus (que entram no bairro) terminam e iniciam seus trajetos. No entanto, apesar de ser sinônimo de grande movimentação, esse espaço não representa, segundo a comunidade, um espaço de convívio para além da espera do ônibus.

Um dos fatores da não utilização dessa área, que engloba tanto o ponto de ônibus (ver figura 39), quanto uma área atrás destes, é a segurança.

Figura 39 – Ponto de ônibus no Fim de Linha



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

A segurança de um bairro é um elemento extremamente complexo de lidar, porque envolve questões imateriais intrínsecas a este. A segurança – ou a insegurança - não pode ser resolvida exclusivamente com intervenções na paisagem e configuração do espaço, e tampouco, com a presença de agentes de segurança (como os seguranças, policiais, guardas municipais). No entanto, as intervenções e planejamento nos espaços podem auxiliar na sensação de segurança que uma localidade pode proporcionar às pessoas.

Um das formas de fazer com que o espaço seja seguro é torná-lo vivo. Um espaço vivo, para GEHL (2013), está relacionado com a atratividade que a cidade oferece aos seus cidadãos para exercer atividades como: caminhar, pedalar e até permanecer em espaços públicos. Essas experiências oportunizam o convívio social e cultural.

Existem algumas ferramentas do planejamento urbano que nos permite pensar sob esta ótica. Jane Jacobs (2000), por exemplo, acredita que quando um local é utilizado atendendo mais de uma função, a probabilidade que ele seja mais seguro é maior do que um local que possui somente um tipo de uso. Ou seja, a utilização do solo para fins residenciais, por exemplo, concomitantemente à utilização para fins de lazer e vivência,

faz com que aquele espaço possua características de uso misto⁵ do solo, o que pode garantir certo número de pessoas nas ruas durante todo o dia (em todos os horários).

Isso porque as pessoas, com suas rotinas distintas, buscarão lugares diferentes por motivos diferentes, fazendo com o que o espaço possua usuários transitando ininterruptamente.

Outra contribuição de Jacobs (2000) a respeito da utilização contínua do espaço diz respeito à segurança deste por meio dos chamados “olhos da rua” de uma cidade. Os olhos da rua são, em suma, pessoas de forma consciente ou inconsciente utilizam o espaço ou o contemplam exercendo uma vigilância natural sobre ele. Nesse sentido, a autora ressalta que os espaços públicos que não são acessíveis aos olhos tendem a tornarem-se inseguros. Isso não quer dizer que o simples fato de haver pessoas observando o espaço o torne seguro. No entanto, para a autora, há a inibição de certos incidentes que estão ligados à insegurança nos espaços.

Nesse sentido, propõe-se que na Praça Fernando Hupsel de Oliveira localizada atrás do ponto de ônibus do fim de linha (ver figura 40) sejam estruturadas algumas barracas padronizadas, além de uma revitalização do espaço público destino ao convívio e ao lazer, para que esse espaço possua características de uso misto.

Figura 40 – Praça Fernando Hupsel de Oliveira - atrás do ponto de ônibus do Fim de Linha



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Segundo os moradores e participantes das oficinas, as pessoas não costumam permanecer nesse local e nem se dirigem a este em busca de atividades opcionais e sociais (ver no item 4.2.1).

⁵ “Aquele que se configura pelo exercício concomitante de duas ou mais atividades de naturezas distintas em um mesmo empreendimento.”. (SALVADOR, 1984, p. 36)

No entanto, existem alguns **potenciais** desta localidade que podem ser explorados para a utilização deste. A exemplo de:

- Local com microclima agradável, com a presença de árvores e sombra (ver anexo 5);
- Espaço físico disponível para intervenções;
- Área utilizada com frequência para o deslocamento entre as duas principais vias de locomoção do bairro (Rua Direta e fim de linha);
- Entre outros.

Do ponto de vista da comunidade, os **desafios** (portanto o que pode ser melhorado) para esta localidade são:

- Mais vegetação;
- Iluminação;
- Muros com identidade visual, com arte urbana (a ex. grafite, mosaico);
- Mais bancos (mobiliário urbano) para sentar;
- Inserir local de venda de alimentos (barracas, stands);
- Melhorar a infraestrutura;
- Acondicionamento adequado dos resíduos sólidos.

Respeitando estas condições identificadas pela comunidade, e sabendo que não há uma única forma de realizar estas pequenas intervenções, esta localidade, a título de ilustração, poderá se encontrar da seguinte forma, conforme figura 41 abaixo.

Figura 41 - Praça Fernando Hupsel de Oliveira com intervenção proposta (ilustração)

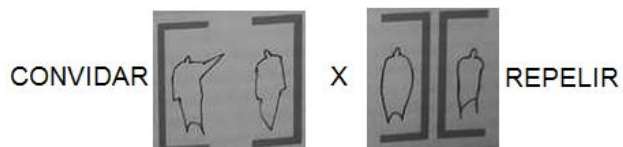


Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Vale ressaltar que a orientação do espaço, como a partir da posição do mobiliário urbano, por exemplo, pode intensificar (convidar) ou afastar (repelir) as experiências de contato e convívio entre as pessoas. Gehl (2013) afirma que a orientação de frente a frente é um convite a uma conversa, uma interação e o desenvolvimento do sistema

sensorial das pessoas, o que ele chama de “paisagem para conversa” (GEHL, 2013, p.155), enquanto que a orientação costas para costas é uma forma de repelir o contato.

Figura 42 – Imobiliário urbano: convidar x repelir



Fonte: elaborado pela autora com base em Gehl (2013), 2016.

Sob outros ângulos, outras áreas desta praça podem ser revitalizadas, com pequenas intervenções que modificam a sua paisagem, como por exemplo, a pintura dos mobiliários urbanos, maior cuidado com a área verde da localidade, entre outros. (ver figura 43).

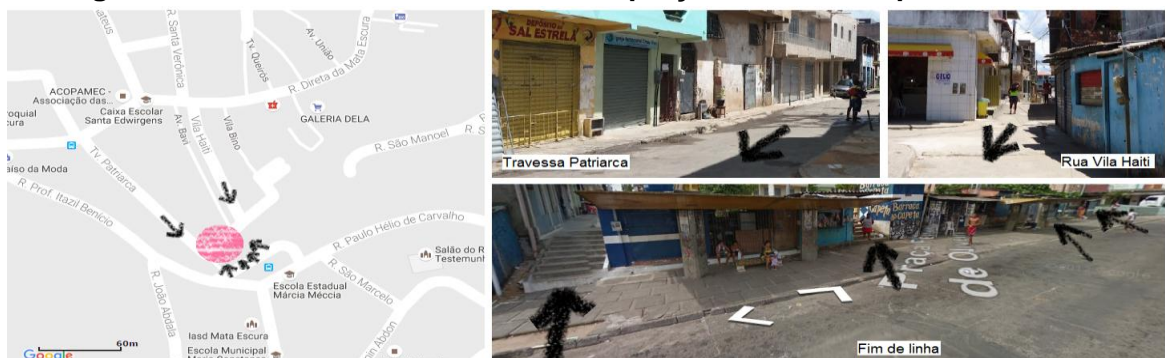
Figura 43 - Praça Fernando Hupsel de Oliveira– Revitalização (ilustração)



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Para acessar a Praça, há entradas tanto do lado seu lado direito, através do fim de linha, quanto pelo seu lado esquerdo, através de duas vias que o ligam à Rua Direta: a Travessa Patriarca e a Rua Vila Haiti (ver figura 44), além do beco Av. Bavi, localizado entre essas duas vias.

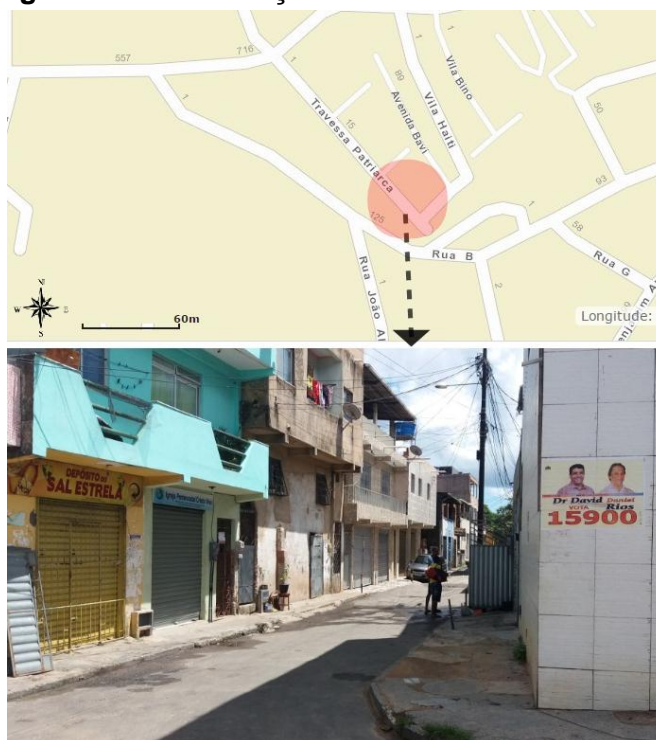
Figura 44 – Formas de acesso à área da praça Fernando Hupsel de Oliveira



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Essas vias de ligação possuem importante papel para a dinâmica da praça, porque elas podem garantir um fluxo de pessoas nesta localidade. No entanto, para motivar a utilização destas, deve-se avaliar a qualidade de seu espaço físico. Iremos, neste trabalho, considerar algumas mudanças na Travessa Patriarca (ver figura 45), sabendo que estas recomendações podem ser multiplicadas em outros locais com características morfológicas similares.

Figura 45 – Localização da Travessa Patriarca



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Esta é uma via utilizada tanto por pedestres quanto por automóveis particulares de porte pequeno (carros e motos). O que se pôde perceber é que, em geral, as pessoas utilizam a pista de rolamento (ver CTB, 2011) e parte disso ocorre porque as calçadas não são adequadas para o deslocamento do pedestre: são estreitas, há obstáculos de locomoção, entre outros fatores.

Levando em consideração as dimensões de largura e comprimento desta via, conforme figura 46, e segundo a ferramenta do INFORMS da CONDER, propõe-se que seja respeitada o que dispõe a NBR 9050, da Associação Brasileira De Normas Técnicas (ABNT), sobre a largura mínima de faixa livre⁶, que é de 1,20m.

⁶ Faixa livre - Área do passeio ou calçada destinada exclusivamente à circulação de pedestres. (NBR 9050, 2004)

Figura 46 – Mapa - Dimensões de largura e comprimento da Travessa Patriarca



Fonte: Elaborado pela autora, com base no INFORMS (CONDER), 2016.

Segundo a norma, essa faixa livre deve:

- Possuir superfície regular, firme, contínua e antiderrapante sob qualquer condição.
- Ser contínua, sem qualquer emenda, reparo ou fissura. Portanto, em qualquer intervenção o piso deve ser reparado em toda a sua largura seguindo o modelo original.

Para além destes aspectos mencionados, do ponto de vista da paisagem desta via e da qualidade do seu espaço, pode-se, ainda, perceber que:

- Trata-se de uma via com microclima desconfortável, pois há a incidência do calor e raios solares em maior parte do dia e, ao mesmo tempo, não há vegetação que possa amenizar essa sensação térmica.
- É um local pouco convidativo, já que não oferece nenhum aspecto visual marcante que desperte o interesse da observação dos pedestres.
- Não há oportunidades para caminhar⁷, permanecer em pé e sentar-se.

O que se sugere para esta via é que além de adequar-se à norma previamente citada, é que algumas alternativas criativas de intervenção sejam executadas, a exemplo do varal de sombras.

O varal de sombras (ver figura 47) poderá propiciar experiências sensoriais positivas, por tanto o **prazer**; As oportunidades de viver o espaço – caminhar, ver, permanecer, por tanto o **conforto**. E a sensação de segurança, uma vez que o ambiente pode dotar-se de vida,

⁷ Para Gehl (2013) andar é o ato de deslocar-se a pé. Caminhar é deslocar-se a pé envolvendo-se com o caminho.

criando a movimentação e os já explicados “olhos da rua” (JACOBS, 2000), por tanto a **proteção**.

Figura 47 – Varal de sombras



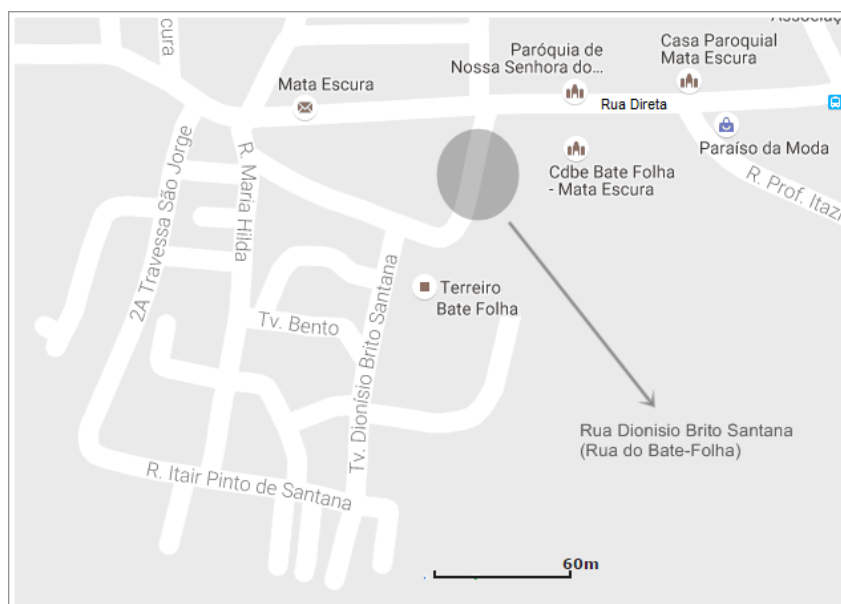
Fonte: Blog Cidades para Pessoas, 2015.

Recomenda-se que o varal de sombras, que hoje vem sendo utilizado em partes do mundo (ver anexo 6), não seja fechado, já que é a intenção que haja circulação do vento ao tempo em que se é sombreado o caminho de travessia. Além disso, um varal espaçado poderá permitir que a iluminação pública, que é crucial para que as atividades sejam desenvolvidas durante todo o tempo, mas, sobretudo pela noite, não seja prejudicada.

- **Rua do Bate-folha**

A Rua Dionísio Brito Santana, antiga Travessa São Jorge, mais conhecida como Rua do Bate-Folha (ver figura 48), nos remete a uma realidade de extrema complexidade para propor diretrizes de intervenção. Isso porque, apontada como grande potencial de convívio e, no entanto, pouco utilizada pelos moradores do bairro, esta via representa um ponto onde há conflito entre os agentes que atuam sob ela.

Figura 48 – Rua Dionísio Brito Santa (Rua do Bate-Folha)



Fonte: elaborado pela autora, com base no INFORMS (CONDER), 2016.

O que acontece é que a via (ver figura 49), que possui problemas de infraestrutura, se inicia com a presença de barracas de ambulantes que ocuparam o espaço de forma irregular. No entanto, devido à necessidade de sobrevivência, essas barracas se instalaram e permanecem lá há muitos anos, sendo utilizadas como pontos comerciais. Segundo os moradores, a prefeitura há alguns anos realizou a retirada destas pessoas na via. No entanto, com o passar do tempo, as barracas foram instaladas outra vez.

Figura 49 – Paisagem da Rua Dionísio Brito Santa (Rua do Bate-Folha)



Fonte: Acervo pessoa, 2016.

Além das barracas, há o acúmulo de resíduos nos passeios, que juntamente à falta de infraestrutura, inibe a utilização daquele espaço (ver figura 50). Como já vimos

anteriormente, poucas pessoas utilizando o espaço, gera, por consequência, uma sensação de insegurança.

Figura 50 – Ilustração da configuração espacial da Rua do Bate-Folha



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Essa área que possui uma baixa qualidade do espaço encontra-se no entorno de parte do Terreiro Bate-Folha, que segundo Serra (2008), é em termos espaciais e de patrimônio ambiental, o maior terreiro de Salvador. Ou seja, existe um contraste grande entre uma área verde, preservada e considerado Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que é o Terreiro, com uma área com a configuração espacial complexa, que vem passando por muitos problemas, que é a Rua do Bate-Folha.

Registra-se ainda que a problemática não esteja somente relacionada ao contraste que representa: pode-se perceber que parte do muro do Bate-Folha, que tem o seu território tombado, está cedendo em função da utilização deste espaço de forma irregular (figura 51).

Figura 51 – Muro do Bate-Folha cedendo



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Portanto, as principais problemáticas desta localidade, sob a perspectiva da autora, são:

- Local inseguro, pouco movimentado;
- Acúmulo de lixo;
- Barracas sem padrão construtivo, com a problemática de estarem alojadas em espaço público;
- Muro do Bate-Folha está cedendo;
- Espaço sem tratamento paisagístico;
- Frágil relação de pertencimento da comunidade com a via;
- Calçadas inexistentes ou inadequadas.

Do ponto de vista da comunidade, os desafios (e, portanto, o que pode ser melhorado) deste espaço são:

- Acúmulo de lixo;
- Calçadas danificadas;
- Construção de calçadas;
- Falta de iluminação;
- Ambiente pouco atrativo, sem cor;
- Falta de organização na localidade;
- Falta de bancos;

Respeitando estas condições, esta localidade se encontraria aproximadamente como a figura 52 abaixo.

Figura 52 – Ilustração da intervenção na Rua do Bate-Folha



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Sobre o acúmulo de lixo, conforme trabalhado no eixo de Saneamento, haverá uma mudança de local de coleta. Isso porque, dentre outras questões, o caminhão coletor tem dificuldade para entrar na via (ver mais no projeto do eixo saneamento). Portanto, os coletores com maior porte seriam retirados e, assim, seriam colocados coletores menores, já sob a perspectiva da coleta seletiva.

Sem lixo, o muro pode ganhar identidade visual com grafite ou outra arte urbana que pudesse fortalecer o sentimento de pertencimento do espaço. Prioriza-se que esta intervenção seja desenvolvida pela comunidade.

A problemática com as calçadas poderia ser resolvida com a adequação da via de rolamento existente para uma via de uso compartilhado (figura 53), já que parte da calçada será utilizada com imobiliário urbano, barracas e etc. Assim, resolvem-se as questões de falta de calçadas ou tamanho inadequados destas. O pedestre poderá caminhar livremente por toda extensão da via, de forma segura, o que aumentará o conforto e gerar consequências positivas na utilização deste espaço.

Os poucos veículos que circulam na Rua do Bate-Folha deverão respeitar a velocidade máxima permitida 30km/h, conforme legislação do CTB para vias locais.

A pavimentação também tem papel importante no conforto do pedestre. Isso porque o tipo de pavimento das superfícies precisa, também, ser “atrativo”. Superfícies niveladas e não escorregadio é o ideal para locais de grande circulação.

Figura 53 – Adequação da via de rolamento para via de uso compartilhado



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Por isso, indica-se a escolha de piso intertravado com blocos de concreto pré-fabricados (ver figura 54). Dentre outras características, esse piso possui um material antiderrapante de fácil aplicação e manutenção, além de apresentar durabilidade elevada⁸. Os riscos de surgimento de rachaduras e deformações são minimizados.

⁸ Sobre o piso intertravado, ver NBR 9780 e 9781.

Figura 54– Piso intertravado na Rua do Bate-Folha



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Para Jan Gehl (2013), o homem foi criado para caminhar e toda a diversidade da vida ocorre quando estamos a pé. Nesse sentido, em cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, o pré-requisito para a existência da vida urbana é oferecer boas oportunidades de caminhar. Gehl (2013) destaca que as cidades onde as condições para vivenciar o tráfego a pé foram melhoradas, mais atividades sociais nelas foram identificadas.

Outra intervenção seria a implantação de mobiliário urbano como bancos, para promover a sociabilidade do espaço.

Por fim, algumas considerações sobre as barracas:

A presença das barracas (figura 55) incomoda aos agentes identificados por diversos fatores, como por exemplo, o “prejuízo” à paisagem que se é criada para aquele espaço. Existe grande discordância da comunidade com a permanência daqueles pontos, mas por se tratar de um meio de subsistência e, sob a perspectiva do direito à cidade para aquelas pessoas, a autora considera que uma análise mais profunda deve ser realizada antes de descartar a sua existência.

Figura 55 – Barracas localizada na Rua do Bate-Folha



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Ignorar a existência delas não resolverá a questão. Por isso, com intuito de enfrentar a problemática de forma que prejudique a menor quantidade de pessoas possível, indica-se o estudo para a identificação de um padrão que contemple a identidade local existente, de forma a “organizar”, sob a perspectiva dos moradores, aquele espaço.

A presença ou ausência destas influencia na dinâmica da localidade. No sentido de propor o uso misto do solo para que haja uma maior quantidade de pessoas circulando sobre o espaço público, exercendo a fiscalização inconsciente sobre as outras e, portanto, aumentando a segurança sentida, defende-se que, após um processo de triagem, algumas barracas devam permanecer na Rua Dionísio Brito Santa.

Apesar de estar analisando, especificamente, a Rua Dionísio Brito Santa, não se pode ignorar que a ocupação feita pelas barracas estende-se até parte da Rua Direta da Mata Escura (ver figura 56). A Rua Direta é a via principal do bairro, que tem como característica o comportamento de grande fluxo de pessoas e automóveis. Portanto, existe a necessidade de que a calçada esteja livre para o pedestre e este possa se deslocar com segurança.

Nesse sentido, a orientação é de que as barracas da Rua Direta sejam deslocadas para outras áreas do bairro que possam comportá-las.

Figura 56 – Barracas na Rua Direta da Mata Escura



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

- **Pampulha**

Em todas as oficinas realizadas, quando se falava em espaço público, os participantes citavam alguns espaços da Pampulha como um local com grande potencial de intervenção: Praça Jd. Pampulha, trechos de ruas, entre outros. No entanto, quando perguntados sobre a sua utilização, pôde-se perceber que há pouco uso da comunidade, fazendo com que quem vivencie aquela localidade sejam pessoas que moram lá.

Podemos perceber pelo traçado urbano que esta é uma área que possui uma realidade socioeconômica e espacial diferente de todo o resto do bairro.

A via a ser analisada, a Rua São Júlio (figura 57) encontra-se paralela à Rua Direta da Mata Escura (ver figura 58) e possui saída para a Avenida Cardeal Brandão Vilela. Esta via será

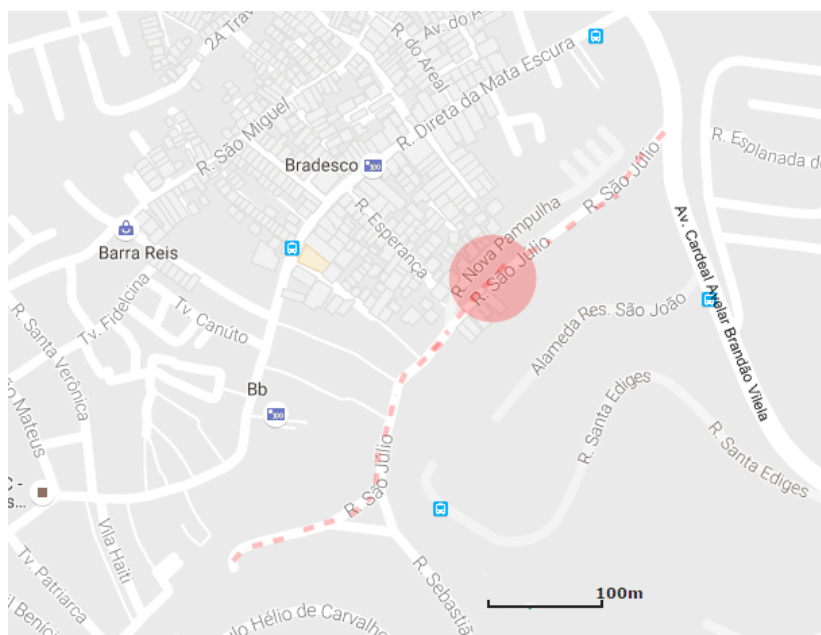
estudada de forma mais aprofundada pelo eixo Fluxos, através da proposta em transformar a Rua Direta em mão única com saída dos veículos através da Rua São Júlio.

Figura 57 – Foto da Rua São Júlio



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Figura 58 – Localização da Rua São Júlio



Fonte: Elaborado pela autora, com base no INFORMS (CONDER), 2016.

Onde está situado o círculo em vermelho é o trecho que iremos trabalhar do ponto de vista do uso da calçada.

Embora seja uma calçada larga – comparada às outras do resto do bairro, a calçada do trecho selecionado não é convidativa para a caminhada. Para começar, existem muitos pontos de entulho e lixo (ver figura 59), sem quaisquer preocupações com o deslocamento do pedestre que causam desvios e interrupções sem sentido.

Figura 59 – Entulho na calçada da Rua São Júlio



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Além disso, alguns outros fatores foram observados, como:

- Nos pontos que não há entulhos e lixo, as superfícies não são contínuas, encontra-se em ruim estado de conservação, o que se torna um obstáculo para atividade peatonais;
- O espaço físico não promove a permanência no local, porque não há atrativo e estrutura que seja convidativa ao pedestre;
- Não há oferta de mobiliário urbano, como bancos, que permita o pedestre a ter onde sentar;
- Não é um espaço ativo, com uso misto do solo. É uma área predominantemente residencial.
- Não é um ambiente cheio de vida, uma vez que poucas pessoas utilizam esse espaço.

Em contrapartida a esses pontos levantados, é um local que possui baixo ruído, possui árvores - o que gera um microclima agradável e experiências sensoriais positivas, há a proteção contra o tráfego, já que encontra-se em nível diferente da pista de rolamento, dentre outras características.

Do ponto de vista da comunidade, os desafios a serem enfrentados nesta localidade são:

- Local perigoso, inseguro;
- Calçadas deterioradas;
- Vegetação descuidada;
- Falta de bancos;
- Falta de iluminação;
- Falta de organização (planejamento);
- Acondicionamento de resíduos deficitário;
- Falta de infraestrutura.

No entanto, apesar dos desafios apontados, se é apontado com unanimidade que este é um local com características agradáveis aos pedestres: possui sombra, árvores, ar fresco, dentre outros.

Por este motivo, propõe-se aproveitar todo potencial de permanecer e caminhar neste local (ver figura 60). Para isso recomenda-se a revitalização da calçada, nivelando sua cobertura e adequando-as para o deslocamento do pedestre. Além disso, propõe-se a disposição de mobiliário urbano. Vale lembrar que é possível a inserção de mobiliário nesta calçada, porque ela possui largura suficiente (aproximadamente 2,05m) para comportar a faixa de serviço (cujas largura mínima é 0,75m) e a faixa livre (cujas largura mínima é 1,20m) (NBR 9050, 2004).

Figura 60 – Ilustração de possíveis intervenções na calçada da Rua São Júlio



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Sobre a questão da segurança, aonde se vem recomendando sempre o uso misto do solo, para haver fluxo constante de pessoas, ressalta-se que com a implantação de esse novo sistema viário que está sendo planejado, onde pra sair do bairro, obrigatoriamente os meios de transporte (particulares e de massa) precisarão passar por esta via, o fluxo de pessoa poderá estar assegurado.

Nesse sentido, não há a recomendação de instalação de novas barracas (pontos comerciais) e sim a requalificação da que já existe.

Além disso, para além do mobiliário urbano padrão, esse local poderá ser dotado de estruturas mais criativas, menos formais e convidativas como um balanço, por exemplo.

Figura 61– Ilustração de intervenções na calçada da Rua São Júlio – outro ângulo



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Outro fator importante para que as atividades sejam desenvolvidas durante todo o tempo, mas, sobretudo pela noite, é a iluminação pública. Para Gehl (2010), uma boa iluminação sobre pessoas e locais é necessária para aumentar e reforçar a sensação de segurança: real e percebida. Isso porque, por exemplo, para deslocar-se com segurança o pedestre necessita enxergar o piso, e, um local bem iluminado nos remete à sensação de conforto e domínio deste.

Além disso, a iluminação pública é serviço urbano básico da cidade prevista pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador (PDDU)⁹, em 2007. Por isso, atendendo às diretrizes dispostas, a iluminação deste espaço pode ser substituída por *LED* automatizadas. Garantindo, assim, maior eficiência energética sobre o espaço.

⁹ No caso da Iluminação Pública, o PDDU (2007) ainda dispõe sobre o Plano Diretor de Iluminação Pública do Município do Salvador (PDIP), que se trata de um plano integrado às diretrizes do Governo Federal através da Agência Nacional de Energia Elétrica, ANEEL, e do Governo Municipal através da Secretaria Municipal de Serviços Públicos, SESP, entidade responsável pelo controle e prestação direta ou indireta do serviço.

- **Equipamentos Esportivos**

A Mata Escura é um bairro que, sendo periférico, possui pouco investimento do Estado. Como já comentado, embora as necessidades sociais sejam ilimitadas, sobretudo nestes bairros populares, os recursos são para dar conta destas são limitados.

Existem muitos problemas no bairro com saneamento, habitação, mobilidade, entre outros campos, e, nesse sentido, pouco se é voltado para o planejamento e manutenção dos espaços para a realização de atividades de lazer.

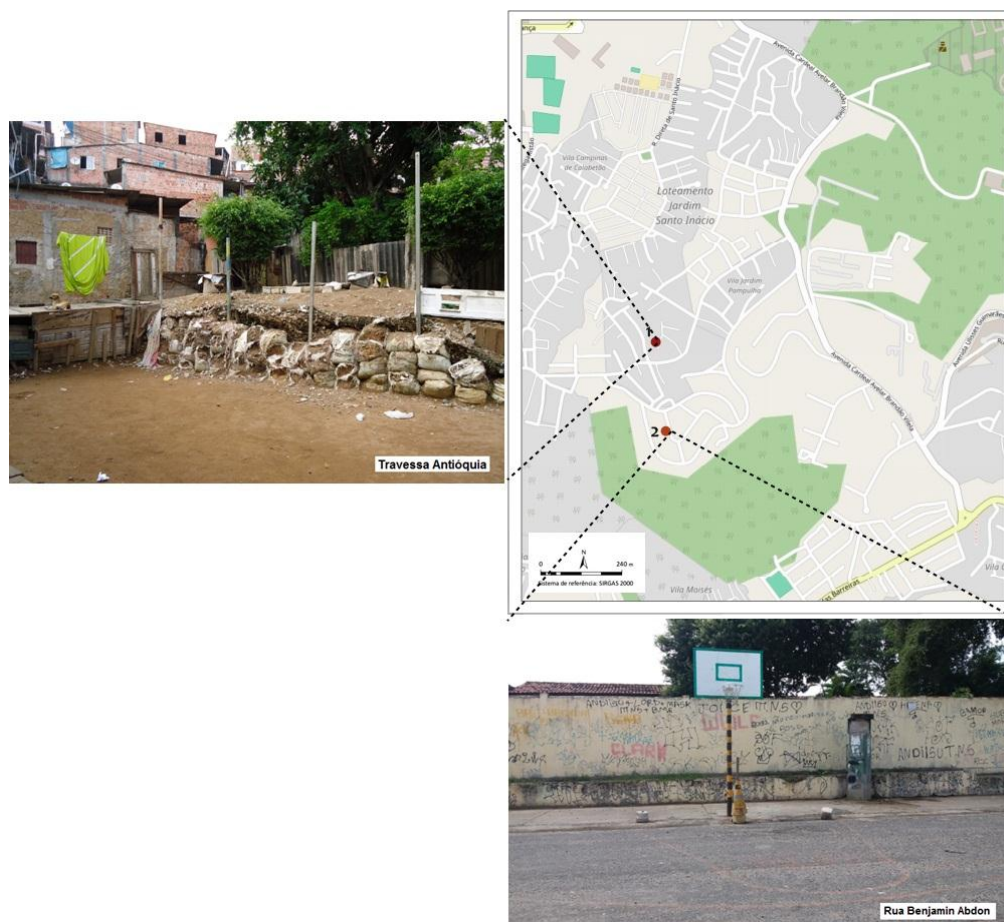
Nesse sentido, os equipamentos esportivos (os campos de futebol, por exemplo) são os espaços que, através do esporte, promovem e fortalecem as relações sociais e contato entre as pessoas. São esses espaços públicos que, em maior parte das vezes, a comunidade recorre para reunir pessoas.

Existem alguns espaços que foram previamente projetados para ser equipamento esportivo, outros que, por meio da utilização, em áreas que possuem o tamanho aproximado, tornam-se um. No entanto, existem alguns espaços que sobrevivem à dinâmica de ocupação do bairro sem ao menos ter área suficiente para tal.

São esses espaços, observados e trazidos pela comunidade em oficinas, que se tornaram foco de interesse após testemunhar o apelo e vontade da comunidade em mantê-los. Os dois trabalhados (ver figura 62) serão eles:

- Campo localizado próximo à Travessa Antióquia.
- Cesta de basquete localizado na Rua Benjamin Abdon, ao lado da Escola Municipal Maria Constança.

Figura 62 – Localização do campo na Travessa Antióquia e da cesta na rua Benjamin Abdon



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Os espaços públicos em geral foram trazidos nas oficinas diante de uma problemática estrutural: falta de infraestrutura. Do ponto de vista da comunidade, quando perguntados os **desafios** destes dois pontos em específico, obtivemos as respostas:

- Faltam árvores em sua extensão;
- Esses espaços poderiam ser revitalizados, pintados;
- Faltam bancos, arquibancadas, que permitam a interação entre as pessoas, a conversa;
- Investir em iluminação;
- Identidade visual no muro da Cesta de basquete, através de grafite ou mosaico;
- Melhorar a infraestrutura local;

Diante dessa realidade, propõe-se que para a cesta de baquete, localizada atrás da Escola Municipal Maria Constança, a área seja revitalizada, seja dotada de identidade visual. A calçada, embora não possua largura mínima para implantação do mobiliário urbano, pode contemplar a instalação de um banco de concreto. Não há movimentação grande nesta via

e, por isso, as atividades poderão ser mantidas sem que a segurança dos pedestres seja afetada.

Por falar em segurança, recomenda-se que, por se tratar de uso compartilhado entre pedestres e automóveis, haja sinalização para a baixa velocidade deste segundo. Esta área ganharia outro aspecto visual, a sua paisagem estaria próxima ao que se é trazido pela figura 63 abaixo.

Figura 63 – Intervenções na Rua Benjamin Abdon



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Para a quadra localizada próxima à Travessa Antióquia, a intervenção deve ser um pouco maior, porque a área não possui infraestrutura alguma para manter-se. Ao realizar visita de campo, pôde-se perceber a presença de uma área pequena que é utilizada como campo de futebol. Ao aproximar-se do local, alguns jovens, moradores, aproximaram-se da equipe RAU+E Mata Escura e expressaram a importância daquele espaço para eles.

Nesse sentido, a proposta é que o espaço seja mantido, diante de algumas intervenções que possam ajudar a melhorar a qualidade deste.

Sugere-se que o campo permaneça sendo de barro, mantendo sua configuração inicial. Existe um desnível ao seu lado direito, que pode ser estruturado com a contenção com pneus. Acima desse desnível, o espaço pode ser utilizado como local de espera, inserindo-se arquibancadas e, para assegurar que as atividades realizadas nesse espaço, o qual se encontra colado às residências e à rua, sejam seguras para os pedestres e moradores, indica-se a inserção de alambrado (ver figura 64).

Figura 64 – Esquema de intervenções no campo de barro da Travessa Antióquia



Fonte: Elaborado pela autora, 2016

- **Escadaria**

Analisar as escadarias do bairro se deu a partir de uma atividade de observação da autora da configuração daquele espaço. Gehl (2013) condena a utilização de escadas para vencer desníveis, ele sugere que sejam utilizadas rampas de acesso. No entanto, estamos diante de uma realidade espacial, social, cultural, entre outros, diferente da que ele costuma estudar (Estados Unidos, Dinamarca, etc).

No entanto, estar em uma realidade diferente não nos impede de se pensar em formas de melhorar a qualidade do espaço físico. Para isso, o elemento escadaria é trazido por que, apesar de serem pouco lembradas, fazem parte do trajeto diário dos moradores do bairro e modificam sua relação com o espaço.

Conforme já citado anteriormente, quando o espaço é agradável, é transmitida ao pedestre a sensação de que a caminhada foi menor do que de fato foi. Nesse sentido, a paisagem local é utilizada “a nosso favor”.

As escadas que levaremos como exemplo, diante de tantas outras que estão do bairro, são as que se encontram localizadas (ver figura 65) nas ruas:

- Rua Esperança
- Rua Antióquia

Figura 65 – Localização das escadarias



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

A ideia é que as pequenas intervenções sugeridas, capazes de modificar a paisagem local e autoestima da comunidade, interferindo positivamente na relação dos moradores e o espaço público, possam ser replicadas a outras áreas com características similares.

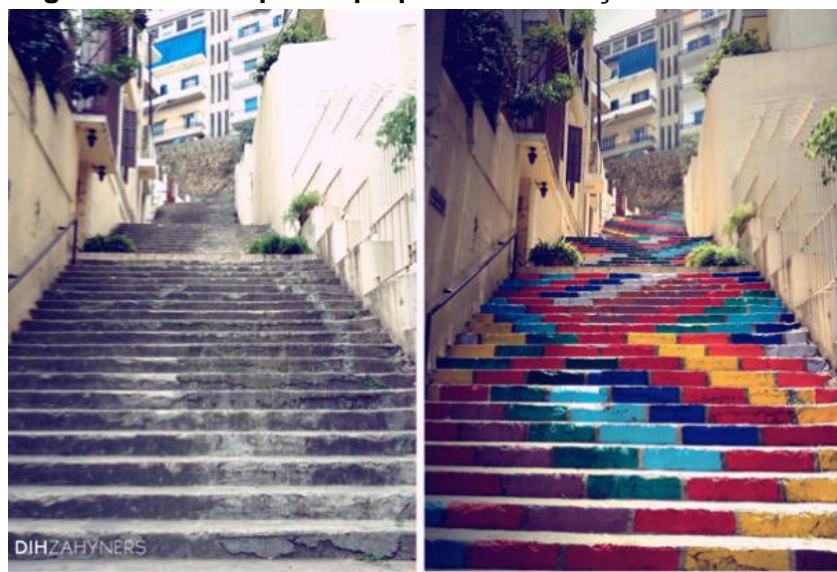
Trabalhar com a paisagem local pode ser considerada, portanto, trabalhar com a identidade local e à questão de pertencimento ao espaço. Um local que agrada aos moradores será, provavelmente, aquele local que ele cuidará com mais zelo e terá vontade de mantê-lo.

“Muitas vezes quando mantido pelo poder público, o espaço público é utilizado de forma inadequada, como estacionamento de veículos, espaços ocupados por moradores de rua, comércio ilegal, entre outras atividades. Esse tipo de ocupação impede que a população da cidade tenha zelo por esse local, trazendo uma indiferença ou até mesmo

desprezo das pessoas para com o espaço público. Hertzberger diz que “é como se as obras públicas fosse uma imposição vinda de cima; o homem comum sente que não tem nada a ver com ele”, e, deste modo, o sistema produz um sentimento generalizado de alienação”. A população passa a ser indiferente em relação ao espaço público.” (MACHADO, 2009).

Uma mesma localidade tem a sua paisagem – e o que ela representa- modificada por uma intervenção pequena, como a pintura de elementos deste espaço (ver figura 66).

Figura 66 – Exemplo de pequena intervenção em escadaria



Fonte: Pinterest, 2016.

Do ponto de vista da comunidade, alguns elementos que podem ser melhorados nas escadarias (os **desafios**) são:

- Requalificação das escadas;
- Infraestrutura;
- Identidade visual, com mosaicos ou arte urbana;
- Utilizar materiais recicláveis para criar ambiente mais agradável;
- Iluminação em pontos específicos das escadarias;
- Padronizar os degraus;
- Segurança.

Para além dos elementos trazidos pela comunidade, propõe-se que sejam considerados dois aspectos complementares: 1) escoamento, e portanto o estudo de implantação de escadas drenantes, que nas palavras de Mangieri (2012), são:

Consistem basicamente em uma calha de seção retangular, pré-moldada em argamassa armada, sobre a qual são apoiados degraus ou placas de cobertura, também pré-moldados. A coleta das águas da chuva ocorre através de orifícios laterais e por abertura entre as placas de cobertura. (MANGIERI, 2012, p. 2)

E 2) aplicação de normas técnicas para escadarias, apresentadas pela ABNT (NBR 9050, 2004). Dentre estas, destacam-se:

- Em escadas fixas, a largura livre recomendável deve ser de 1,50m; sendo a largura mínima admissível de 1,20m;
- O primeiro e o último degrau da escada devem estar a distância de 30 cm da circulação para não prejudicar o cruzamento entre circulação vertical e horizontal;
- As dimensões dos pisos e espelhos devem ser constantes em toda a extensão da escada, atendendo às seguintes condições.

Instalação de piso tátil de alerta com largura entre 0,25m e 0,60m, localizado até 0,32m antes do início e após o final da escada;

Diante das considerações realizadas, as escadarias da Rua da Esperança e da Rua da Antióquia, poderiam ficar como a ilustração abaixo (figura 67):

Figura 67 – Intervenção na Escadaria da Rua da Antióquia



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Figura 68 – Escadaria da Rua da Esperança



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

O objetivo desse tipo de planejamento urbano, em espaços públicos, com base na escala humana é posicionar os urbanistas e arquitetos ao desenvolvimento de cidades que contribuam na construção de uma sociedade mais democrática. Pensar na maior qualidade do espaço urbano para sua população é pensar na dinâmica da cidade de forma mais justa.

Estas pequenas intervenções que podem ser realizadas, sobretudo a partir de mutirões através dos próprios moradores, podem reforçar a identidade local, empoderar a comunidade, reforçando o sentimento de pertencimento com o espaço público. Além disso, estas intervenções podem, ainda, proporcionar maior interatividade entre os moradores locais, já que a qualidade do espaço interfere na forma de utilização deste. Por consequência, mais pessoas na rua pode ser catalisador de uma maior segurança e essa dinâmica pode revelar uma paisagem mais agradável ao bairro, democratizando o espaço público.

“Sem a sociabilidade e o prazer de estar com o outro, o espaço não tem sentido”

(Le Goff, 1988)

5. Viabilidade institucional, econômica e financeira

Por entender a importância da autonomia da comunidade para a realização das intervenções propostas, através da autogestão, onde a própria comunidade irá coordenar o projeto, pode-se buscar recursos em Organizações Não governamentais, organismos internacionais que apoiem este tipo de projeto, além do apoio de comerciantes locais.

6. Cronograma previsto (prazos previstos para próxima etapa de execução)

Estima-se que os trabalhos para desenvolvimento/projeto executivo do projeto proposto seja de 6 (seis) meses, conforme cronograma abaixo:

PRODUTOS/ ETAPA		MESES					
		1	2	3	4	5	6
ETAPA 1							
1- Mobilização comunitária através das metodologias de Participação Social – para inicialização do processo	Prazo em dias	0 45					
ETAPA 2							
2-Levantamentos cadastrais, topograficos e de informações da comunidade	Prazo em dias	0 30		90			
ETAPA 3							
3- Legislação Urbanística Específica	Prazo em dias			60	120		
4- Complementação de informações e avaliações	Prazo em dias			60		150	
5- Consultorias complementares	Prazo em dias			60			180
6- Elaboração de projeto executivo	Prazo em dias			60			180

7. Equipe Técnica e Orçamento previsto

Sugestão de composição de equipe técnica e custos de recursos humanos para desenvolvimento do projeto.

Formação/ Função	Nível		Experiência Exigida	Tempo Mínimo de Formação	Qtd	Tempo Trabalho (horas)	Valor Total previsto
Urbanista ou Arquiteto e Urbanista Coordenador	Senior	P-1	Coordenação de estudos e projetos multidisciplinares, englobando especialmente as disciplinas descritas nas atividades objeto do contrato – a exemplo de elaboração de planos diretores, projetos urbanísticos, planos e projetos relacionados à habitação de interesse social.	>10 (dez) anos	01	180	R\$14.000
Urbanista, Bacharel em Direito ou Arquiteto com experiência em legislação urbanística	Pleno	P-2	Elaboração de legislação urbanística.	> 5 (cinco) anos.	01	180	R\$9.000
Urbanista ou Arquiteto com experiência em legislação	Sênior	P-1	Estudos e planos urbanísticos, conservação ambiental e de desenvolvimento urbano.	> 10 (dez) anos.	01	40	R\$2.800
Sociólogo, Antropólogo Ou Turismólogo com experiência em Turismo de Base Comunitária	Sênior	P-1	Participação de planos ou projetos urbanísticos envolvendo mobilização e participação comunitária	> 10 (dez) anos.	01	30	R\$2500
Assistente Social	Pleno	P- 2	Participação de planos ou projetos urbanísticos envolvendo mobilização e participação comunitária	> 5 (cinco) anos.	01	180	R\$4.500

Engenheiro Sanitarista ou Civil	Sênior	P-1	Elaboração de projetos de infraestrutura urbana.	> 10 (dez) anos.	01	100	R\$4.000
Estagiário de Urbanismo				> 5º semestre.	02	80	R\$800

Os requisitos da equipe chave deverão ser comprovados mediante a apresentação dos documentos de comprovação profissional.

A previsão de custos para o desenvolvimento deste trabalho, na forma de projeto executivo é de R\$37.600,00.

Os preços propostos devem incluir todas as despesas diretas e indiretas necessárias á completa prestação dos serviços, a exemplo de deslocamento, materiais, força de trabalho, equipamentos, instrumentos, taxas, impostos, seguros e contribuições sociais, trabalhistas e previdenciárias, etc.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050/94** – Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaços, mobiliários e equipamentos urbanos. ABNT, 2004.

BAHIA. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. Mapas de localização. In: **INFORMS CONDER**. Bahia, 2016. Disponível em: <<http://geopolis.ba.gov.br/?m=Salvador>>. Acesso em: 5 set. 2016.

BLOG CIDADE PARA PESSOAS. **Passanela** – varal de sombra. Disponível em: <<http://cidadesparapessoas.com/passanela/>>. Acesso em: 4 ago. de 2016.

CASTRO, D.G. **Significado do Conceito de Paisagem**: Um debate através da epistemologia da geografia. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm#_edn1>. Acesso em: 14 set. 2016.

CASTRO, I. E. de. **Paisagem e turismo**. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Paisagem e Turismo*. São Paulo: Contexto, 2002. 226p. p.121-140 (Coleção Turismo)

CTB - **Código de Trânsito Brasileiro**. Curitiba: Tecnodata, 2011.

CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia. **Guia Prático para a Construção de Calçadas**. Bahia: CREA, 2009. Disponível em: <http://www.crea.ba.org.br/Imagens/FCKImagens/12-2009/Guia_Pratico_web_Construcao_de_Calcadas_CREA.pdf>. Acesso em 4 de out. de 2016.

CORRÊA, R. L. **O espaço geográfico**: algumas considerações. In: SANTOS, M.(Org.). *Novos rumos da Geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GORDILHO, A. et al. **Mata Escura** – Plano de Intervenção. Salvador: Editora FAUFBA, LABHABITAR, 2005.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/defaulttab_agregado.shtm>. Acesso em: 21 de dez. de 2015.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LE GOFF, J. **Por Amor às Cidades**: conversa com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACHADO, D. **Público e Comunitário: Projeto arquitetônico como promotor do espaço de convivência**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2009.

MANGIERI, L. S. G. **Avaliação dos sistemas de escadarias e rampas drenantes implantadas em assentamentos espontâneos na cidade do Salvador** - Bahia. Dissertação de mestrado. Salvador: Faculdade Politécnica da Ufba, 2012.

MARICATO, E. **As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: Planejamento urbano no Brasil**. In: MARICATO, E.; ARANTES, O.; VAINER, C. A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. **Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio**. *Imagens da Educação*, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

Portal do Projeto Turismo de Base Comunitária do Cabula e Entorno (TBC).

Disponível em: <<http://www.tbc.uneb.br/>>. Acesso em: 15 de jan. 2016.

ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP (org). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo /World Leisure, 2000.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Sustentável. **Guia para projetos de espaços públicos** – Projeto calçada acessível. Rio de Janeiro: Seropédica, 2012.

SALVADOR. **Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo no Município da Cidade do Salvador (LOUOS)**. Prefeitura de Salvador, 1984.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SAUER, C.O. **A morfologia da Paisagem**. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998

SERRA, O. **Laudo Antropológico** - exposição de motivos para fundamentar pedido de tombamento do terreiro do Bate-Folha como Patrimônio Histórico, Paisagístico e Etnográfico do Brasil. Salvador, 2002

TERRA, L. et al. Conexões. **Estudos de Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2008.

VITTE, C. C. S. **A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade**. In: VITTE, C. C.S.; KEINERT, T. M. M. (orgs). Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

9. ANEXOS

Anexo 1 - Cartilha de apresentação

5 EIXOS TEMÁTICOS DE INTERVENÇÃO

- EIXO ÁREAS VERDES**
Estudo dos espaços verdes de Mata Escura especificamente o seu Horto Florestal.
- EIXO FLUXOS**
Estudo e proposta sobre acessibilidade e mobilidade, com o foco na microintervenção.
- EIXO ENCONTROS**
Esse eixo tratará dos espaços públicos de uso coletivo (lugares de encontro e convivência), sobretudo à nível do projeto arquitetônico, e caminhará em paralelo com o eixo paisagem, que tratará desses espaços à nível do planejamento urbano. Os projetos a serem elaborados em conjunto com a comunidade deverão ser preferencialmente de pequena e média escala e levar em conta as possibilidades de execução através de ações coletivas.
- EIXO PAISAGEM**
Estudo sobre o planejamento de uma praça, como um espaço público de convívio, que forneça atratividade (seja pela estrutura, ambiente construído, relações interpessoais, entre outros) aos cidadãos que vivem os diferentes territórios da Mata Escura.
- EIXO SANEAMENTO**
Estudo sobre a dinâmica dos resíduos sólidos urbanos na comunidade, que atualmente demonstram-se gerenciados de forma

Qualquer dúvida da RAU+E é só perguntar a nós : raue2.mataescura@gmail.com

Cartilha da Assistência Técnica
RAU+E / UFBA MATA ESCURA

Fonte: Acervo equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Anexo 2 - Convites para Reunião

RESIDÊNCIA AU+E
Assistência Técnica em Habitação e Direito à Cidade
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Arquitetura

CONVITE

A Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia – RAU+E da Universidade Federal da Bahia – UFBA, tem a honra de convidar as lideranças locais e representantes da ACOPAMEC, para uma reunião que ocorrerá no dia **11/12/15** às **9:00 horas** na **Sede da Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão - ACOPAMEC**, situada no bairro de Mata Escura.

Aguardamos a sua presença!

RESIDÊNCIA AU+E
Assistência Técnica em Habitação e Direito à Cidade
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Arquitetura

A Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia – RAU+E da Universidade Federal da Bahia – UFBA, tem a honra de convidar as lideranças locais, representantes do TBC e da ACOPAMEC, para uma reunião que ocorrerá no dia **29/01/16** (**sexta-feira**) às **9:00 horas** na **Sede da Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão - ACOPAMEC**, situada no bairro de Mata Escura.

Contamos com a sua presença!

Fonte: Acervo equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Anexo 3 - Convites para chega junto+ oficina

A Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia / UFBA - te convida para:

A Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia / UFBA - te convida para:

Chega Junto! + oficina



Gostaríamos de lhes convidar a participar do primeiro CHEGA JUNTO! RAUE MATA ESCURA, promovido pelos alunos do Curso de Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da UFBA. Nesse encontro, convidamos a todos os moradores de Mata Escura a participar de uma roda de conversa com os assistentes técnicos para apresentarmos nossa proposta de trabalho na comunidade, nos conhecermos e realizarmos uma oficina onde buscaremos conhecer melhor o território de Mata Escura através do olhar de vocês! Sua participação é fundamental para que possamos desenvolver esse processo participativo na sua comunidade!

Quando:
15/03/2016
às 09:00

Onde:
Na sala 05 Anexo
ACOPAMEC

Qualquer dúvida da RAU+E é só perguntar a nós :
raue2.mataescura@gmail.com
<http://raue2mataescura.blogspot.com.br/>



Chega Junto! + oficina



Gostaríamos de lhes convidar a participar do primeiro CHEGA JUNTO! RAUE MATA ESCURA, promovido pelos alunos do Curso de Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da UFBA. Nesse encontro, convidamos a todos os moradores de Mata Escura a participar de uma roda de conversa com os assistentes técnicos para apresentarmos nossa proposta de trabalho na comunidade, nos conhecermos e realizarmos uma oficina onde buscaremos conhecer melhor o território de Mata Escura através do olhar de vocês! Sua participação é fundamental para que possamos desenvolver esse processo participativo na sua comunidade!

Quando:
30/03/2016
às 09:30

Onde:
Escola Estadual
Márcia Meccia

Qualquer dúvida da RAU+E é só perguntar a nós :
raue2.mataescura@gmail.com
<http://raue2mataescura.blogspot.com.br/>



Fonte: Acervo equipe RAU+E Mata Escura, 2016.

Anexo 4 – Questionário realizado na oficina 6 (eixo Paisagem)

Oficina EIXO PAISAGEM

Local: Escola Estadual Márcia Meccia
Data: 20 de setembro de 2016

Nome:
Idade:
Série:

1) O que você entende como "paisagem"?

2) Você mora perto da escola? Qual nome da sua rua?

() Sim () Não

3) Quanto tempo você gasta para chegar até a escola?

- () 5 minutos;
() 10 minutos;
() 15 minutos;
() 20 minutos;
() 30 minutos ou mais.

4) Como você avalia o trajeto entre a sua casa e a escola (ida e volta)?

- a) Bom
b) Regular
c) Ruim
d) Péssimo

5) Você caminha pelo bairro para passear?

() Sim () Não

6) Se as ruas do bairro fossem mais agradáveis, você passaria por ela?

() Sim () Não

7) Em sua opinião, o que torna uma rua mais agradável?

8) Dentre os Espaços Públicos da Mata Escura (praças, ruas, escadarias, becos, quadras, entre outros), qual seu predileto? E por quê?

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Anexo 5 – Fotos da praça atrás do Fim de Linha



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Anexo 6 – Referências de varal de sombra.



Fonte: Google, 2016.